

NOVAS DA GALIZA

— PERIÓDICO GALEGO DE INFORMAÇÃO CRÍTICA —



“Muito me temo que vamos dar passos atrás nas relações culturais com os lugares de fala portuguesa”

Carlos Blanco, actor e humorista

PÁGINA 16



O poder político oculta o avanço dos cultivos transgénicos das multinacionais

PREPARAM RESPOSTAS A ESTA AMEAÇA PARA A SAÚDE E OS CULTIVOS TRADICIONAIS

Apesar das tímidas moratórias que recentemente decidiram aplicar os políticos à experimentação e cultivo de transgénicos, nom existe nengunha medida que trave realmente a proliferação de um modelo de cultivo que pode ser gravemente prejudicial para a saúde, para além de favorecer o mercado monopolista. O Estado espanhol foi o mais tolerante da Union Europeaia na hora de con-

sentir a introdução e propagação indiscriminada da experimentação transgénica e, perante umha passividade social generalizada, os transgénicos chegam à Galiza sem que as câmaras municipais ou o Parlamento podam opor-se. O Tribunal Europeu obrigou os Estados a fazerem públicas as localizações dos campos, mas Espanha continua a se negar. Duas empresas, a Monsanto e a Pioneer

som já as melhores situadas no agro galego. Por enquanto, ao lado do apoio decidido do PSOE e do PP, o BNG mantivo-se na ambiguidade. Sem molestar em nada o poder, do que fazia parte até há semanas, tencionava contentar os mais tímidos do movimento popular. Mas já existe umha parte desse movimento popular que alerta sobre o perigo e prepara um calendário de açom. / Pág. 14



Falam protagonistas das jornadas Sexuando de Vigo

De 2006 a 2009 abrírom na Galiza 7 centros Quero-te. O modelo teórico sexológico dos seus começos, baseado no sexo como reprodução (do que se tem falado amplamente neste jornal no artigo do Novas n.º 36 e em diversos números da secção A conjugar o verbo sexuar) foi virando cara ao modelo dos sexos, sexuante ou do facto sexual humano. A mudança de modelo, ainda nom completamente consolidado, pudo verificar-se na realização das jornadas “Sexuando” realizadas no Verbum de Vigo entre os dias 23 e 24 de Janeiro. Neste encontro participárom, entre outras, representantes relevantes desta corrente teórica, também conhecida como Modelo Substantivo: Carlos de la Cruz, Joserra Landarroitajuregi,

Silverio Sáez ou Debora Bad. As jornadas tivérom certo eco mediático, entre outras cousas pola polémica suscitada pola presença de Valerie Tasso, tendo sido frutíferas no fornecimento de experiências de grande interesse. Neste número entrevistamos três das relatoras das mesmas e Ignacio Iglesias Villar, coordenador dos centros Quero-te na Galiza. Trata-se de Mercedes Oliveira, autora do livro A construción de novos homes e mulheres, Carlos de la Cruz Marti Romo, sexólogo, e Joserra Landarroitajuregi, também sexólogo e umha das pessoas fundadoras do Centro de atención ao casal Biko Arloak, com quem abordamos a temática dos casais. / Pág. 12

E AINDA...



Fecham 70% das leiteiras em 16 anos

QUINTANA QUER QUE O BNG assuma 'realidade bilingüe' do País enquanto a RAG dissimula novos e alarmantes dados sociolingüísticos

FOTORREPORTAGEM: As pedreiras que ameaçam o Sil MOVIMENTO POLA BASE abandona o BNG

Opinions de: Maria Peom Torres, Carlos Taibo, Lidia Senra, André Rodrigues, Toni Lodeiro e Rui Paz

Nasce a Rede Anticapitalista Galega, com o objectivo de superar o sistema político actual

Trata-se de umha aliança de movimentos sociais e individuos afastada da política partidária que surgiu após a primeira edição do Foro Social Galego / Pág. 11

A crise de um ponto de vista económico por Xavier R. Fidalgo

A visão dominante nas sociedades opulentas afirma que o crescimento económico é uma bênção de Deus. Ao seu amparo -di-se nos a coesão social estabiliza, os serviços públicos não recuam, e o desemprego e a desigualdade não ganham terreno. Sobram razões para reacear, porém, de todo o anterior. O crescimento económico não gera -ou não gera necessariamente- coesão social, provoca agressões meio-ambientais em muitos casos irreversíveis, facilita o esgotamento de recursos que não estarão à disposição das próximas gerações e, enfim, permite o triunfo de um modo de vida escravo que convida a pensar que seremos mais felizes quantas mais horas trabalharmos, mais dinheiro ganharmos e mais bens acertarmos a consumir.

Assim as cousas, nos países ricos devem reduzir-se a produção e o consumo, porque vivemos por cima das nossas possibilidades, porque é urgente cortar emissões que danam perigosamente o meio e porque começam a faltar matérias primas vitais. Por detrás desses imperativos agroma um problema central: o dos limites meio-ambientais e de recursos do planeta. Para avaliar o relevo do problema, o melhor indicador é a pegada ecológica, que estima a superfície, tanto terrestre como marítima, precisa para manter as actividades económicas. Se em 2004 essa pegada era de 1,25 Terras, segundo muitos prognósticos alcançará duas Terras -se isso for imaginável- em 2050.

Com certeza, não é suficiente assumir reduções nos níveis de produção e de consumo. Devem reorganizar-se as nossas sociedades

Pelo decrescimento

CARLOS TAIBO



sobre a base de outros valores que reclamem o triunfo da vida social, do altruísmo e da redistribuição dos recursos frente à propriedade e ao consumo ilimitado. Cumpre reivindicar, em paralelo, o ócio frente ao trabalho obsessivo, como cumpre postular a repartição do trabalho, outrora uma prática sindical comum. Outras exigências iniludíveis falam da necessidade de redu-

zir as dimensões das infraestruturas produtivas, administrativas e de transporte, e de privilegiar o local frente ao global num cenário marcado, em suma, pela sobriedade e a simplicidade voluntária.

O primeiro que as sociedades opulentas devem fazer é fechar -ou reduzir sensivelmente a actividade de correspondente- muitos dos complexos industriais hoje exis-

tentes. Estamos a pensar, naturalmente, na indústria militar, na do automóvel, na da aviação e em boa parte na da construção. Os milhões de operários que, de resultados, perderiam os seus empregos deveriam encontrar trabalho através de dous caminhos. Se um é o desenvolvimento de actividades nos âmbitos relacionados com a satisfação das necessidades sociais e meio-

ambientais, o outro chegaria da mão da repartição do trabalho nos sectores económicos tradicionais que sobreviveriam. Importa sublinhar que neste caso a diminuição da jornada laboral bem poderia supor reduções salariais, sempre que estas, claro, não fossem em proveito dos benefícios empresariais. Ao cabo, à melhoria de nível de vida que se derivaria de trabalhar menos, e de desfrutar de melhores serviços sociais e de um meio mais limpo e menos agressivo, somaria-se a derivada da assunção plena da conveniência de consumir, também, menos, com a conseguinte redução de necessidades no que a salários se refere. Não é preciso agregar -parece- que as reduções salariais que nos ocupam não afectariam, naturalmente, aqueles que menos têm.

O decrescimento não acarretaria, para a maioria dos habitantes, um deterioro das suas condições de vida. Antes, deve implicar melhorias substanciais como as vinculadas com a redistribuição dos recursos, a criação de novos sectores, a preservação do meio, o bem-estar das gerações futuras, a saúde, as condições do trabalho assalariado ou o crescimento relacional em sociedades nas quais o tempo de trabalho recuará notavelmente. Para além do anterior, sublinhar-se-á que no mundo rico se fazem valer elementos -assim, a presença de infraestruturas em muitos âmbitos, a satisfação de necessidades elementares ou o próprio decrescimento da população- que facilitaríamos o trânsito a uma sociedade diferente. E é que cumpre partir da certeza de que, se não decrescemos com vontade e razão, teremos que fazê-lo obrigados pola quebra, antes ou depois, da loucura económica e social que padecemos.

O PELOURINHO DO NOVAS

Se tens algunha crítica a fazer, algum facto a denunciar, ou desejas transmitir-nos algunha inquietação ou mesmo algunha opinião sobre qualquer artigo aparecido no NGZ, este é o teu lugar. As cartas enviadas deverão ser originais e nom poderán exceder as 30 linhas digitadas a computador. É imprescindível que os textos estejam assinados. Em caso contrário, NOVAS DA GALIZA reserva-se o direito de publicar estas colaborações, como também de resumilas ou extractá-las quando se considerar oportuno. Também poderán ser descartadas aquelas cartas que ostentarem algum género de desrespeito pessoal ou promoverem condutas antisciais intoleráveis.

Endereço: peLOURINHO@NOVASGZ.COM

PAREMOS A VENDA DA UNIVERSIDADE

O caminho da privatização dos serviços públicos, lógica sistémica do capitalismo, começa a forçar os seus passos com a medida chamada Plano Bolonha, que no meio da mentira e o obscurantismo, quer ver o ensino público engolido polo mercado, submisso aos seus ditados e distante das classes populares. O Plano de Bolonha significa, por baixo do discurso da europeização, um embate aberto contra o pensamento que reclama e reclamou a construção de umha Universidade Galega única, nacional, popular, científica e democrática.

Urge umha alternativa estudantil diante da passividade actual da maior parte do estudiantado, cumpre soerguer umha alternativa estudantil eficiente, assemblar e

unitária, que trave a entrega pacífica dos nossos serviços públicos, nomeadamente o ensino. Umha alternativa estudantil que conecte, partindo da base, a Universidade com o seu contexto, com a classe trabalhadora, com as classes populares, com a Galiza.

Umha alternativa estudantil que exija, em suma, a conversom desta cousa velha, podre e isolada do povo trabalhador que alguém denunciou há mais de vinte anos numha Universidade popular (de acesso universal e gratuito, ao serviço do povo trabalhador), nacional (em galego, para a Galiza), científica (depurada da ideologia capitalista, do pensamento neoliberal, da superstição religiosa) e democrática (para que o estudiantado tenha voz e peso fundamental na tomada de decisons).

É por isso que apelamos ao teu compromisso para que adiras ao projecto de ADIANTE e contribuas com as tuas propostas e o teu

esforço no caminho de articular-fimo un movemento estudantil forte, combativo, assemblar, plural e democrático, posto na teoria e na prática ao serviço do povo trabalhador galego, da Galiza.

Adiante
(Mocidade Revolucionária Galega)

AVV DR. JOSÉ CASAS DE BOUÇAS

Um grupo de sócias e sócios da Associação vicinal Dr. José Casas de Bouças solicitou, mediante burofax, a anulação da convocatória da Assembleia Geral Ordinária convocada para o dia 17 de Março de 2009, por apresentar várias irregularidades, e que se volte a convocar corrigindo estas carências e erros intoleráveis que denotam umha total falta de seriedade por parte da directiva desta associação:

1. A convocatória nom vai assinada polo presidente desta asociación vicinal como indica o artigo nº 23 dos estatutos da mesma.
2. Apresenta múltiplos erros nos nomes, apelidos e endereços das pessoas sócias.
3. Devido ao dito no ponto anterior, a convocatória nom está a chegar a todas as sócias e sócios destinatários desta convocatória.
4. Esta convocatória fai caso omisso das petições, que alguns sócios apresentárom na última Assembleia Geral Ordinária, em que se solicita que, junto com a convocatória, seja enviado o estado das contas para poder estudá-las com tempo suficiente, antes da referida assembleia.

Duarte Ferrín

A tempestade das Antilhas

MARIA PEOM TORRES

“QUANDO O POVO CANTA «A GUADALUPE É NOSSA» ESTÁ A VIR À TONA UMHA CONSCIÊNCIA DE DIGNIDADE QUE VAI PARA ALÉM DAS REIVINDICAÇÕES INDEPENDENTISTAS; TRANSPARECE UM PAÍS QUE SE ACENDE, QUE SE UNE PARA REIVINDICAR UMHA CONTRADITÓRIA IGUALDADE SOCIAL COM A FRANÇA”

Como dizia Coluche, «a instabilidade é necessária para avançar. Quando ficamos quietos, recuamos». À luz dos acontecimentos destes últimos meses nos «Departamentos ultramarinos» (Départements d'Outre Mer - DOM) da França, podemos aceitar que esta fórmula ganhou todo o seu sentido. O que me obriga a pensar na importância dos movimentos referidos é o silêncio da imprensa ocidental a respeito deles. Esse silêncio vem demonstrar, aqui e além, que os poderes políticos ocidentais - polo menos Sarkozy já o experimentou na casatemem que a crise venha a restituir o dinamismo social que tanta falta fai. É claro que esta revolta foi desencadeada por alguma cousa excepcional; qualquer cousa meio mágica que conseguiu reunir estes povos sob um canto de afirmação, esquecidos da metrópole. Todo começa num dia de Novembro do 2008: enquanto a Europa se está a ressentir dos efeitos da «crise», um departamento do outro lado do Atlântico se insurge contra o preço dos carburantes. Este primeiro pulo consegue aglutinar diversos movimentos sociais, sindicais e políticos da Guiana no «Movimento Contra a Vida Cara» (Mouvement Contre la Vie Chère), porquanto a economia do país, herdeira do colonialismo, assenta sobre o enriquecimento dos grandes produtores e importadores: os «békés» (brancos). Depois das greves na Guiana foi a vez das Antilhas, onde o desemprego atinge 25% da população total e 50% dos jovens com menos de 25 anos. No meio de umha desesperação social imensa, em Dezembro do ano passado, um grupo de 45 movimentos sociais e políticos resolve unir-se sob as siglas LKP (Liyannaj Kont Pwofitasyon: Movimento contra a superexploração). É a partir desta altura que o movimento ganha toda a sua amplitude. Esta «tempestade social», que paralisou a ilha por mais de 45 dias, abandona

a luta política, tal e como nós a conhecemos, para enveredar por umha via mais contestária de denúncia das relações de classe e de raça - o que surpreendeu a Metrópole e esclareceu alguns acontecimentos históricos que o governo francês conseguira silenciar. Este processo de esclarecimento do passado abriu umha porta para o futuro que já começou a ser franqueada polos departamentos do continente africano, como a Reunião. Frantz Fanon, ensaísta da Martinica que estudou a questão colonial e o racismo, dizia a respeito das revoltas dos anos 50 que as histórias raciais nom eram «senom umha superestrutura, um manto, uma surda emanação ideológica que deixa a descoberto uma realidade económica». Quando o povo canta «a Guadalupe é nossa» está a vir à tona umha consciência de dignidade que vai para além das reivindicações independentistas; transparece um país que se acende, que se une para reivindicar umha contraditória igualdade social com a França - e depois de ter compreendido que para construir um país próprio é preciso pôr em causa as relações com a metrópole. Este primeiro passo foi o primeiro alerta para a França. Sendo a detentora do poder social, esta sociedade civil enunciará a suas reivindicações no plano político e depois da tempestade terá ficado umha consciência social pronta a desafiar a autoridade política e a mostrar o verdadeiro problema, que para além do custo da vida, nom é outro que o reconhecimento de um particularismo e reconhecimento que a República jamais tomou em consideração. O que também nos escapa é o facto de estas revoltas terem de algum modo acordado os movimentos sociais da metrópole, onde a última greve geral, a da «quinta-feira negra» (a 19 de Março passado) fijo agromar uma certa consciência de «agora ou nunca», que tanto poderá contagiar-nos como nom.

NOVAS DA GALIZA

EDITORIA
MINHO MEDIA S.L.

DIRECTOR
Carlos Barros G.

CONSELHO DE REDACÇÃO
Alonso Vidal, Antom Santos, Iván Garcia, Sole Rci, Helena Irimia, Eduardo S. Maragoto

DESENHO GRÁFICO E MAQUETAÇÃO
Miguel Garcia, Carlos Barros, Manuel Pintor

IMAGEM CORPORATIVA
Miguel Garcia

FECHO DA EDIÇÃO: 20/03/09

INTERNACIONAL
Duarte Ferrín

COLABORAÇÕES
Zélia Garcia, José E. Vicente, María Álvares, Vera-Cruz Montoto, Xabier Xil, Xiana Arias, X. C. Ansia, Santiago Alba, Daniel Salgado, Kiko Neves, J.R. Pichel, Carlos Taibo, Celso Á. Cácamo, Jorge Paços, Adela Figueroa, Joám Peres, Pedro Alonso, Luís G. 'Foz', Alberte Págin, Concha Rousia, Xurxo Martínez, Alexandre Banhos, Raul Asegurado, Miguel Penas. **Cronología.** Iván Cuevas. **Música.** Jacobe Pintor. **Galiza Natural.** João Avelledo. **Sexualidade.** Beatriz Santos. **Língua Nacional.** Valentim Fagim. **Desportos.** Anxo Rua Nova, Xavier S. Paços. **Cinema.** Francesco Traficante

FOTOGRAFIA
Arquivo NGZ
Natalia Gonçalves
Galiza Independente (GZI)
Xavier Sampil

ADMINISTRAÇÃO
Irene Cancelas Sánchez

HUMOR GRÁFICO
Suso Sanmartín, Pepe Carreiro, Pestinho+1, Xosé Lois Hermo, Gonzalo Vilas

CORREÇÃO LINGÜÍSTICA
Eduardo Sanches Maragoto
Fernando Vázquez Corredoira
Vanessa Vila Verde
Mário Herrero

D. LEGAL: C-1250-02 / As opiniões expressas nos artigos nom representam necessariamente a posição do periódico. Os artigos som de livre reprodução respectando a ortografia e citando procedência. A informação continua periodicamente no sitio web www.novasgz.com e no portal www.galizalivre.org

O AVANÇO AMÁVEL DE ESPANHA

Os passados resultados eleitorais ratificaram os mais cépticos. A construção nacional galega situa-se onde sempre se situou, ao longo de mais de um século: no resistencialismo e na adversidade. A causa da Galiza nom tem novos amigos nas altas esferas, nem expectativas de promoção nos senhores do euro. Até onde enxerga a nossa vista, o debate nom é esse. Antes, trata-se de saber se os degarros de autodeterminação continuam a chapinhar no confusioismo, na ambigüidade calculada, na tutela de classes médias e pequenas elites políticas e académicas. Ou se, polo contrário, afincam nos zangados, nos empobrecidos, nos humilhados, nos nom representados. Os próximos anos, e as turbulências da crise que andamos, esclarecerám o rumo.

No entanto, do galeguismo mais conciliador ao independentismo mais radical, um

profundo temor abre-se passagem. O espanholismo abandonou anteriores concessões e prepara-se para ocupar todo o campo. Do ensino aos meios, do desporto ao lazer, e com a língua como alvo principal. Conviria nom confundir os meios com os fins. Porque se o fim é mais ambicioso que nunca -varrer de vez as pessoas galegas de naçom- os meios nom tenhem porque endurecer-se. Contra as histórias fingidas dos bilingües, foi mui claro Feijoo no seu plano castelhanizador: «amabilidade lingüística». A direita de sempre conhece mui bem o sucesso dos seus métodos de sempre: normalidade democrática, mentira tranquila, tom sossegado, contencção institucional contra os «exaltados». Esta pele de ovelha, que nom vam tirar tam facilmente, nom deveria relaxar-nos nem fazer-nos esquecer as nossas ruas.

FRANJO PADÍN





NOTÍCIAS

Afonso Fernandes, ganadeiro

“Para alcançarmos a soberania alimentar teríamos que deixar atrás as grandes explorações que trabalham em função do mercado global”

ANTOM SANTOS / Afonso Fernandes é filiado do SLG e leva umha exploração leiteira em plena comarca de Chantada, umha das zonas da Galiza que logrou salvar o processo reconversor da economia agrária. Porém, tampouco esta bisbarra se livra do despovoamento, o encerramento de explorações e a falta de apoio político. Com ele conversamos das possibilidades do agro, os efeitos da crise, e a necessidade da soberania alimentar.

Podias-nos comentar em que estado se encontra o sector agrário na tua comarca?

Podemos dizer que é umha zona em que dominan as explorações de vacum, fundamentalmente dedicadas à produçom leiteira, mas tendo também importância as de carne, muitas delas reconvertidas partindo de umha original vocaçom leiteira. O vinho é um outro sector de grande importância, junto com granjas porcinas e outras produçoms industriais. Sectores como o da horta, maçã e castanha temem um desenvolvimento mais fraco. Podo falar sobretudo da minha dedicaçom particular, que é o leite. Chantada ainda é umha das grandes comarcas leiteiras da Galiza, após anos de reconversom e desleixo político. Ora, também estamos numha etapa de decadência.

Que problemas sofredes?

Os que já conhece todo o mundo: falta gente nova que tome conta das explorações, a populaçom envelhece... e pagam-se os custos da velha reconversom. A gente esforçou-se muitíssimo para fazer explorações modernas, intensivas, com muito gado e grandes recursos tecnológicos, e o endividamento é constante.

Torna-se difícil viver dignamente no rural?

No rural a vida nunca foi de todo fácil, mas todo tem as suas vantagens. Muitas das “comodidades” que se perdem no rural podem considerar-se prescindíveis. O que sim seria importante é recuperar aquele espírito de trabalho colectivo como sempre se fiço, aquilo de cooperar solidariamente nas tarefas de cada casa, e que agora está em vias de extinçom. É um outro efeito da devastaçom produzida pola industrializaçom das produçoms. Teríamos que melhorar as condiçoms do trabalho ajudando-nos colectivamente,

entre a vizinhança e entre ganadeiros, porque isto é mui escravo. Ora, no tocante às condiçoms de vida, nom há queixa. As únicas “comodidades” que se perdem no rural, e das quais só se lembram os ‘urbanitas’, som superficiais e prescindíveis.

Notou-se a apreçoada “mudança” do bipartido na passada legislatura?

O certo é que partíamos de grandes esperanças. Muita gente esperava cousas dessa conselharía do Meio Rural, mas era umha ilusom, e foi por água abaixo. Umha política mui propagandística, formalmente mui renovadora, mas, como dixu um conhecido meu “política de meio rural para um público urbano”. Nas aldeias nom notamos nada substancial, decepçom total.

Continuades em luta polos preços do leite...

Vamos ver, aqui cumpriria fazer um pequeno percurso pola história recente. Nas décadas de 80 e 90 o campo galego demonstrou umha capacidade de pressom e luta importante, com as famosas tractoadas. Vendo aquele potencial, tanto os governos de Fraga como os governos espanhóis, decidem-se a umha reconversom profunda do nosso agro, que em boa parte conseguiu. E ainda que as reivindicaçoms continuem, nunca se chega ao nível daqueles tempos.

Quais som as razoms?

Umha é o endividamento que comentava. Quando estás abafado polas dívidas, depois de reconverter e modernizar a tua exploraçom, o que queres é que che recolham o leite, mesmo a preços mui baixos. Aceitas quase todo porque nom tés força avondo para pressionar.

E o chamado “contrato homologado” nom soluciona nada?

Nada, nada, essa foi umha das fraudes de Meio Rural. Um contrato sem preço, o único que fai é atar

ainda mais o produtor com a indústria. O tema de estabelecer um preço é fundamental. No SLG fíjose campanha por que este fosse fixado em 0,42 céntimos por litro para poder garantir a sobrevivência com garantias de futuro para o sector. O ganadeiro assina um contrato para 18 meses, mas apenas se garantem 3 meses de preço estável. Passado este tempo, a empresa pode mudar os preços, mas tu estás na obrigaçom de continuar a vender-lhe. Mas as empresas trabalham como umha autêntica máfia, nomeadamente uma empresa leiteira, chamada de galega, com que a Conselharía falava de construir algo semelhante a um grupo lácteo galego. Mesmo as empresas leiteiras chamadas “galegas”, essas mesmas com que a Junta falava de construir um grupo lácteo. Ademais, em muitos casos o produtor está totalmente vendido pois nom pode mudar de empresa, já que estas temem acordos secretos entre elas para nom recolherem o leite de ninguém que queira mudar de empresa.

Entom, nom há esperança?

Nom digo isso, exponho as dificuldades. Vias para avançar haveria várias: umha seria recuperar o poder das cooperativas, que foi minguado, porque as empresas nom querem os labregos associados, e fam todo o possível por destruir a uniom estabelecida à volta das cooperativas. Querem-nos ter um a um para melhorar a extorsom; sabem que negociar com duzentos nom é o mesmo que negociar com um. E outra é sair deste modelo, decididamente.

A que te referes?

O modelo de produçom intensiva, altamente tecnolozada, e virado para os mercados da globalizaçom, nom é sustentável. Nem sustentável, porque vamos de cheio para a crise energética e dos transportes, nem ético. Estamos em parte a alimentar o nosso gado com matérias primas que provem dos mercados do terceiro mundo, à custa da fome de muitos. E, de passagem, estamos a impedir que se articulem mercados locais galegos.

O SLG fala com insistência de “soberania alimentar”. É possível?

Possível e imprescindível. Mas sabendo umha cousa, que para isso cumpriria reconverter boa parte do sector agrário, ir para explorações mais pequenas, cobrir mercados locais, abandonar as exportaçoms.

Esta mudança de rumo apanha-

vos em plena crise.

Nós levamos décadas em crise; esta actual nom se nota particularmente, nom mais do que outras. E se abrir umha oportunidade para que a gente reflecta, e tome o caminho para outro modelo, muito melhor.



Em só 16 anos desaparecerom 70% das explorações leiteiras que havia na Galiza

REDACÇOM / O sector leiteiro galego está a passar por umha das piores crises da sua história, com uns elevados custos de produçom e do solo. De facto, em Janeiro estava-se a pagar 0,33 euros por litro de leite, 29% menos do que há apenas um ano, e mui longe dos 0,491 euros que se pagavam em Novembro e Dezembro de 2007. Por outro lado, os preços de penso, gasóleo e fertilizantes crescerom 45% em relação à mesma época de 2008.

As empresas transformadoras, aliás, estão-se a abastecer com leite que chega da França, em péssimas condiçoms higiénicas e a preços inferiores aos de comercializaçom no próprio mercado francês, prática ilegal que se conhece como dumping. Estas duras condiçoms agravam a situaçom de dous terços das explorações leiteiras, que nom conseguem tirar

benefícios e apenas estão a pagar os custos de produçom. Visto de umha perspectiva mais ampla, o agro galego está a decair terminalmente desde 1992, quando havia 83.938 explorações leiteiras registadas no País. Em 2008, estas reduziram-se já a 13.453, o que significa só 30% das de 1992 e, decerto, o processo de reconversom económica e social mais grave que tem suportado a Galiza.

Por sua vez, o Sindicato Labrego Galego sublinha que é totalmente falsa a afirmaçom da indústria ao alegar que “sobra muito leite”, já que o Estado espanhol só está a produzir dous terços do total consumido. Ao mesmo tempo, em conferência de imprensa no dia 5 de Março, realizárom um chamamento público à unidade do sector para combater a crise.



Chamamento à "laranjada" contra a imposição do espanhol

O número de pessoas que têm o galego como língua inicial cai 2 terços em só 12 anos

REDACÇOM / Vários comunicados anónimos, publicados em Indymedia-GZ, realizaram um chamamento ao boicote com pintura laranja contra a imposição do espanhol. A iniciativa polo laranja, que já tem vários anos de vida, centrou-se nesta última ocasião nas sedes do PP, partido que dará ouvidos, no Governo autonómico, às petições das associações contrárias à oficialidade do galego.

Assim, em Ames, na comarca de Compostela, os vidros do local deste partido ficarão cobertos de laranja. Algo semelhante aconteceu nas sedes de Ponte Vedra, de Vigo e de Ourense. As chamadas de aten-

ção coincidirão com a reacção na rede do blogue emgalego.blogspot.com, aonde se enviam fotografias com "sinalizações" de laranja em lugares que vulneram os direitos linguísticos galegos.

Quintana culpa o galego e a RAG esconde-se

A iniciativa activista coincide com outros passos dados em favor do idioma, e num clima político geral caracterizado pola polémica e polo retrocesso do galego. Um relatório recém editado pola RAG confirmou, neste mês de Março, as teses que o independentismo manejava a respeito da

saúde do idioma. Assim, confirma-se que o galego continua a perder falantes iniciais de forma alarmante, ao mesmo tempo que cresce a percentagem de molíngües em castelhano (13 pontos desde o último estudo), nomeadamente nas cidades. Deste modo, o fracasso do modelo normalizador implementado até agora fica de novo em evidência num estudo editado por umha das entidades responsáveis do mesmo, que tentou adiar o conhecimento dos dados para passarem despercebidos até que este facto foi denunciado por vários grupos normalizadores. Por outro lado, Quintana,

na análise da derrota eleitoral, deixou ver que o modelo linguístico defendido polo BNG pode ter a ver com a derrota eleitoral do nacionalismo, e fijo um chamamento a assumir a realidade bilingüe do País.

17 de Maio

Neste contexto, a Assembleia da Mocidade pola Língua pujo-se a trabalhar no âmbito nacional; também neste âmbito, dúzias de colectivos de base, entre o que se incluem os centros sociais, decidiram participar com critério próprio nos actos que o nacionalismo autonomista convocou para o 17 de Maio em Compostela.

Reivindicação e formação popular na Corunha e Compostela

REDACÇOM / O centro social ocupado da Corunha Casa das Atochas comemora o primeiro aniversário com um amplo calendário de actividades onde a reivindicação e a formação têm um espaço de destaque. Quanto à primeira, as jornadas culminaram no dia 21 com umha manifestação a favor do direito à ocupação; quanto à segunda, as jornadas incluíram obradoiros de autodefesa legal frente à repressão, aproximações da guerrilha antifranquista, documentários sobre a revolta grega, ou mesas redondas sobre os centros sociais.

Por outro lado, a Casa Encantada e PreSOS organizam em Compostela a já clássica Universidade Popular, mui centrada na formação em direito, para dar a conhecer ferramentas legais com que enfrentar os abusos do poder. As aulas continuarão até o Verão.

Movimento pola Base abandona BNG para trabalhar "polo soberanismo e com os movimentos sociais"

REDACÇOM / No mesmo dia em que todo o autonomismo certificava umha paz temporal, acordando a realização da assembleia nacional do BNG, um grupo de militantes agrupados no MpB decidiam a sua saída desta estrutura. Em conferência de imprensa perante todos os meios, M.A. Abreira e R. Ribeira manifestavam a "incompatibilidade do soberanismo e da esquerda" com a militância no BNG. Afirmaram a sua vontade de trabalhar com a classe trabalhadora na CIG e advertiram que "nem toleraríamos exclusões". Declararam aliás que a nova estrutura quer "fugir dos vanguardismos" e trabalhar com os movimentos sociais

polo soberanismo e a esquerda. Trata-se da terceira cisom no nacionalismo autonomista com estas mesmas ideias força nas últimas três décadas.

Entretanto, no BNG formalizou-se umha "comissão organizadora" do próximo congresso, marcado para o dia 10 de Março e até o qual a velha directiva, que anunciou a demissão no passado dia 14 de Março, continuará em funções. Esta comissão será integrada por seis membros da demitida Executiva (Francisco Jorquera e Alberte Ansedo pola UPG, Carlos Aymerich e Roberto Mera, quintanistas, Mario López Rico, do Encontro Irmandinho, e Alberte

Rodríguez Feixoo, de Esquerda Nacionalista), e Noa Presas, membro do Conselho Nacional, que forma parte da cisom do Movimento pola Base que passou a denominar-se Movimento Galego ao Socialismo. Outro dos que serão protagonistas do processo pré-congressual, Xosé Manuel Beiras, líder do Encontro Irmandinho, que tinha pedido umha refundação do BNG, acabava por conformar-se com o acontecido, mostrando-se "satisfeito e optimista" com as decisões adoptadas no Conselho Nacional do BNG, e realizando um chamamento "à participação activa da militância" neste processo.

CRONOLOGIA

◆ 10.02.2009

Junta pede mais de cinco anos de cárcere para o secretário da CIG em Trás-Ancos, Xan López Pintos, acusado de 'atentado contra agentes da autoridade'.

◆ 11.02.2009

Começam as obras do túnel de 8 quilómetros que levará o TAV até o centro de Vigo.

◆ 12.02.2009

Constitui-se em Mondonhedo a associação Furapresas contra a construção de duas minicentrales nos rios Tronceda e Figueiras.

◆ 13.02.2009

Tourinho anuncia a concessão a Vigo da "autoestrada do mar".

◆ 14.02.2009

Gentalha do Pichel exige rectificação a Conde Roa, quem ligou O Pichel, o Henriqueta Outeiro, a Sala Nasa e a Associação Vicinal As Marias com a "kale borroka".

◆ 15.02.2009

Milhares de pessoas contra a destruição do território na manifestação de Galiza nom se Vende.

◆ 16.02.2009

Professores, artistas e intelectuais lançam a plataforma "Se resides, decides", para exigir que o voto seja um "direito de residência, nom de sangue".

◆ 17.02.2009

PP leva ao Parlamento Europeu as teses de Galicia Bilingüe e consegue um relatório que recomenda que os pais escolham a língua de escolarização dos seus filhos.

◆ 18.02.2009

Conselho de Contas encontra múltiplas irregularidades nos contratos de espectáculos do Jacobeu em 2004 e 2005.

◆ 19.02.2009

Tribunal da Corunha deita abaixo o projecto de urbanização do polígono do Pinho.



◆ 20.02.2009

Depois de que a Associação Galega de Pensionistas e Confederação Galega de Organizações de Maiores levaram a um comício de Quintana 700 idosos que pagaram por umha viagem a Portugal, o porta-voz do BNG culpa os organizadores do acto.

◆ 21.02.2009

Arde por completo num incêndio provocado a embarcação *Carriolo*, propriedade do patrón maior de Ribeira, Antonio Argibay.

◆ 22.02.2009

Bacalhoeiro 'Monte Galifeiro', com base em Vigo, afunda em águas de Terra Nova. Os 22 tripulantes som resgatados.

◆ 23.02.2009

Audiência nacional espanhola condena os dous independentistas acusados de queimar umha foto de J. Carlos de Bourbon a pagarem multas de 2.700 e 1.800 euros.

◆ 24.02.2009

Falece um homem em Vila Garcia ao ficar preso debaixo do seu tractor. No dia anterior, um operário do serviço de conservação de estradas morrera em Ponte Areias atropelado por um camión.

◆ 25.02.2009

Vizinho de Ourense confessa ter matado e atirado ao rio a M.S.S.O., imigrante brasileira desaparecida no passado dia 11.

◆ 26.02.2009

Oito meses de cárcere e cinco euros de indemnização por dia durante vinte jornadas para os quatro trabalhadores do metal julgados por desordens na greve de 2007.

◆ 27.02.2009

Admitida a trámite a queixa por prevaricação contra o ex-secretário geral do Sergas, a subdirectora geral de Inspeção de Serviços Sanitários, e a chefe do serviço de gestom administrativa.

◆ 28.02.2009

Francisco Castro, responsável polo BNG na Catalunha, denuncia que enquanto colava cartazes em Moinhos foi agredido por dous



Trabalhadores da Vidreira do Atlántico em Ginzo de Límia continuam em conflito

REDACÇOM / Os 165 trabalhadores e trabalhadoras da Vidreira do Atlántico, umha empresa luso-germana dedicada a fabricaçom de garrafas e embalagens de vidro na vila de Ginzo de Límia, encontram-se, desde o fim do Verao, em conflito aberto por dous problemas nesta fábrica: a suspensom da negociaçom colectiva e a apresentaçom do expediente colectivo de modificaçom de condiçom de emprego, no qual se modificam questons como o pagamento do plus de actividade.

Depois do êxito da manifestaçom do passado dia 27 de Fevereiro, em que trabalhadores e trabalhadoras da Vidreira contárom com o apoio de representantes municipais de Ginzo e de outros concelhos da comarca, assim como de numerosos vizinhos e vizinhas da zona, o pessoal da fábrica voltou a anunciar quatro novas jornadas de greve, que se convocárom durante 32 horas continuadas nos dias 15-17 de Março, 29-31 de Março, 5-7 de Abril e 25-28 de Abril.

O objectivo das paralizações é instar à direçom de BA

Glass (proprietária da Vidreira) a retomar de modo imediato a negociaçom do convenio colectivo, depois de que esta quebrasse todo o tipo de diálogo com as centrais sindicais e o próprio comité de empresa.

Sindicalistas gravados ilegalmente

O responsável pola CIG de Verim, Anxo García Torres, reclamou, em representaçom do conjunto dos trabalhadores e trabalhadoras, o exercicio do direito de acesso às imagens do

pessoal em greve gravadas polas câmaras de videovigilância. Denunciam que a direçom instalou quatro novas câmaras no recinto que ocupa a Vidreira desde que se iniciou o conflito, para além das quatro que existiam.

Sindicalismo nacionalista mobiliza-se em defesa do emprego e pola necessidade da mudançã de sistema no 10 de Março

REDACÇOM / “Em defesa do emprego e as prestaçom sociais” foi o lema com que a CIG desenvolveu este ano a campanha do Dia da Classe Operária Galega. Trabalhadores e trabalhadoras de todo o País, delegados e delegadas sindicais, participárom nas assembleias, concentraçom e manifestaçom organizadas em cada umha das comarcas na defesa dos postos de trabalho neste momento de crise. À noite, as cidades de Vigo e Ferrol fõrom as cidades que acolhêrom as duas mobilizaçom nacionais do dez de Março, juntando 4.000 trabalhadores conjuntamente.

Na manhã desta jornada, Ferrol acolhia também umha oferta floral no monumento a Amador e Daniel, os dous trabalhadores da Bazám assassinados pola policia espanhola em 1972.

Em Ourense e Compostela ocupárom-se sucursais bancárias do Banco Santander, para “assinalar à banca privada como co-responsáveis desta crise”. Em Ponte Vedra, umha manifestaçom percorria o centro da cidade, e chegava até a Subdelegaçom do Governo, onde se encontravam com umha importante presença de policias de choque.

Concentraçom da CUT em frente da Junta

A CUT manifestou-se diante da Junta da Galiza em Compostela e Vigo, reivindicando que “este sistema nom serve”. As concentraçom contárom com o apoio de delegados de Compostela, Ribeira e Vigo, que mostrárom a sua negativa “à continuidade de um sistema capitalista esgotado, que quer fazer da crise umha ferramenta contra a classe trabalhadora, polo que reclamamos a convocatória de umha greve geral”.

Mulheres de todo o País saem à rua no 8 de Março para reivindicar os seus direitos fundamentais

REDACÇOM / Como cada ano no 8 de Março, milhares de pessoas tomárom as ruas galegas para exigir os direitos das mulheres nas esferas pública e privada. As principais cidades e vilas galegas contárom com actos vindicativos em prol da visibilizaçom da luta das mulheres. A Marcha Mundial das Mulheres organizou concentra-

çom e actividades em diversos pontos. As MNG (Mulheres Nacionalistas Galegas) manifestárom-se também com o lema “Sê radical contra a violència patriarcal”.

Na Corunha, Nomezepises-ofreghao exigiu direitos laborais para as trabalhadoras domésticas com umha açom reivindicativa. Em Vigo e Ginzo

de Límia, roteiros feministas recordárom diferentes mulheres combatentes silenciadas pola história oficial, colocando placas na sua memória em praças e ruas. Ainda, no C.C. Revolta, a Assembleia de Mulheres da Comarca de Vigo organizou umha exposiçom fotográfica do Movimento Feminista Galego.

Na manifestaçom de Compostela, onde se queimou umha cruz em sinal de protesto contra a Igreja, ouvõrom-se palavras de ordem pola luta feminista contra a crise capitalista, o aborto livre ou contra o terrorismo machista. Por sua vez, as jovens de Briga levárom a cabo sabotagens e murais agitados.



Ratificam denúncias polo “processo continuado de corrupçom” na instalaçom da Reganosa

REDACÇOM/O Comité Cidadao de Emergência e ADEGA acabam de ratificar, a 12 de Março perante a Fiscalía do Tribunal Superior de Justiça da Galiza (TSJG), as denúncias contra Fraga, Jose Antonio Orza e vários sócios da Reganosa, com Roberto Tojeiro à frente. Segundo ambos os colectivos, a tramitação e construçom da fábrica de gás responderom a “um processo continuado de corrupçom”.

Saqueio às contas públicas
Os denuncianteos qualificam

também de “constante saque às contas públicas” o processo, baseando-se na documentação que acompanha a denúncia. Como dado mais significativo, assinalam que o Estado vai fornecer à Reganosa 60 milhons de euros anuais nos vindouros 23 anos, o que completa um total de 1.300 milhons de euros para umha empresa que dá trabalho a quarenta pessoas.

A razom é a Lei de Hidrocarbonetos vigente no Estado espanhol, que assegura a qualquer fábrica regasificadora “necessária” a retribuiçom por

parte do Estado da totalidade dos orçamentos derivados do começo da actividade, operaçom e manutençom da mesma, e as irregularidades documentais a que teria recorrido a Reganosa, segundo a denúncia, para se apropriar de dinheiro público.

As irregularidades teriam começado na mesma justificaçom económica da regasificadora para a autorizaçom administrativa, com previsoms de 500 milhons de metros cúbicos de gás por ano incumpridas, pois no tempo que tem estado a funcionar a unidade regasificadora,

nom se teria realizado consumo significativo algum.

Tamém se denuncia a situaçom da fábrica em Mugarbos, concretizada por um convénio de colaboraçom confidencial entre os sócios da Reganosa e o ex-presidente da Junta Manuel Fraga Iribarne, sem estudo de impacto ambiental nem de avaliaçom de riscos. Essa situaçom teria favorecido o Grupo Tojeiro, do presidente da sociedade Reganosa, pola venda, por cima do preço de mercado, de terrenos de Forestal del Atlántico à Reganosa.

Umha armadora ‘pirata’ recebe 3,6 milhons de euros em subvençoms das administraçoms

REDACÇOM / A empresa Vidal Armadores S.A., com base em Ribeira, recebeu entre os anos 2003 e 2005 um total de 3,6 milhons de euros em subvençoms, apesar de ser conhecida a prática de pesca ilegal desta armadora. Segundo informa a organizaçom Greenpeace, Vidal Armadores conta na actualidade com três embarcaçoms nas listas negras da Comissom pola Conservaçom dos Recursos Marinhos Vivos

(CCAMLR), dous dos quais já foram incluídos nos anos 2003 e 2004.

Em Julho de 2004, um dos barcos da armadora, o ‘Galaecia’, foi sancionado polo Ministério do Meio Ambiente com duas multas de 600.000 euros e a suspensom durante 6 meses das autorizaçoms de pesca. Um ano depois, o mesmo ministério outorgoulhe 1,3 milhons para umha açom de pesca experimental

em colaboraçom com o Instituto Oceanográfico.

Em 2008, inspectores da Nova Zelândia descobriram também que alguns barcos da armadora estavam implicados numha rede de pesca ilegal. Dous anos antes, a justiça estado-unidense condenou Antonio Vidal Prego, administrador de Vidal Armadores S.A., por um delito de pesca ilegal. O empresário saiu em liberdade condicionada por quatro

anos, após ter pagado 400.000 dólares.

As subvençoms que recebeu a armadora por parte das administraçoms foram as seguintes: em 2003, 634.793 euros da Junta da Galiza para a construçom de barcos; em 2004, 377.952 em conceito de construçom e 1.310.562 por açoms de pesca experimental, ambas do Ministério de Pesca; e em 2005 recebia de novo esta última ajuda.



vizinhos, um deles o vice-presidente da Câmara municipal do PP nesse concelho, Jacinto Pena.

◆ 01.03.2009

PP ganha as eleiçoms galegas por maioria absoluta, com 39 deputados. No dia seguinte, Pérez Touriño demite como secretário geral do PSdG e o BNG anuncia um processo de reflexom.

◆ 02.03.2009

Perto de 1.000 pessoas manifestam-se na Límia em apoio do pessoal da Vidreira do Atlántico.

◆ 03.03.2009

Destituído o chefe da DGT em Lugo acusado de perdoar multas sem troca de subornos.

◆ 04.03.2009

Umha onda atira ao mar dous trabalhadores em Malpica. Um deles sai polo seu pé com feridas na cabeça, o outro é dado por desaparecido.

◆ 05.03.2009

Greenpeace denuncia que Vidal Armadores SA e a sua matriz, Viasa Cartera, levam anos a praticar a pesca ilegal e ainda assim receberom 3,6 milhons de euros das administraçoms espanhola e galega.

◆ 06.03.2009

Demite o subdelegado do governo espanhol em Lugo, implicado na trama de Tránsito.

◆ 07.03.2009

1.000 pessoas manifestam-se em Vigo contra a absolviçom do assassino dum casal homossexual.

◆ 08.03.2009

A Galiza tem mais de 5.000 pessoas encarceradas.



INTERNACIONAL

Obama: retirada da retirada?

RUI PAZ

LONGE DE ABRANDAR, O IMPERIALISMO MANTÉM TODAS AS OPÇÕES PARA CONTER A REVOLTA E A RESISTÊNCIA DOS POVOS, NOMEADAMENTE A DA GUERRA, COMO RESPOSTA À CRISE QUE TENDE A AGRAVAR-SE MAIS RAPIDAMENTE DO QUE OS DIRIGENTES DO MUNDO CAPITALISTA IMAGINAVAM

Obama tinha prometido durante a campanha eleitoral que os Estados Unidos iriam retirar rapidamente o seu exército de ocupação do Iraque. Esta promessa foi uma das que mais contribuiu para a onda de entusiasmo criada em torno daquela candidatura. Recentemente o presidente norte-americano informou que pelo menos 30 mil soldados irão continuar a ocupar o Iraque, mesmo depois da «retirada» oficial. Numa declaração feita na base militar de Camp Lejeune na Carolina do Norte, declarou que até 2010 seriam retiradas as unidades que designou por «tropas de combate».

Também George Bush proclamara em tempos que a guerra no Iraque tinha terminado. E depois foi o que se viu. Segundo o antigo ministro da Defesa de Bush que transitou para o Gabinete de Obama, R. Gates, devem ficar no país 35 a 50 mil soldados. Gates não lhes chama exército de ocupação mas força de «formação militar» do exército iraquiano e diz «tratar-se de uma missão muito diferente» (CNN). Isto significa que os Estados Unidos não têm a intenção de respeitar a soberania do Iraque e que só abandonarão definitivamente o Tigre e o Eufrates se conseguirem estabelecer ali um regime favorável aos seus interesses petrolíferos e geoestratégicos. Um Iraque livre da ocupação e governado pelos iraquianos e para os iraquianos não é o objetivo de Washington.

Também no Afeganistão, face à crescente resistência contra as tropas militares estrangeiras, o



Pentágono está a preparar a transferência de 17 mil soldados do Iraque para o Indukuch e a tentar arrastar os aliados dos EUA para uma participação maior na guerra. Já era esse o desejo do Gabinete de George Bush quando Rice procurava convencer os principais estados da NATO a derramar mais sangue no Afeganistão. Os primeiros meses de 2009 foram o início

de mais um ano sangrento no Afeganistão com numerosos civis mortos pelas tropas da NATO e em particular por militares dos EUA. A situação é tal que o Pentágono, na sua ânsia de tentar enfraquecer a resistência que tem designado propagandística e exclusivamente por «talibás», já começa a falar de «bons» e «maus» talibás.

Os «bons» ou «moderados»

seriam aqueles que estariam dispostos a negociar a permanência do domínio norte-americano na região. Os «maus» seriam os que não aceitam participar num regime favorável à manutenção dos interesses dos Estados Unidos. Convém lembrar que esta tática já foi seguida por Clinton na Jugoslávia em relação ao UCK que passou várias vezes de organização

«terrorista» a «movimento de libertação» consoante a estratégia de Washington.

O Tribunal Internacional em Haia lançou um mandato de captura contra um chefe de Estado em exercício de um país, o Sudão, que nunca agrediu outros estados mas, como se sabe, não dá prioridade aos interesses geoestratégicos e petrolíferos da superpotência norte-americana. Mas George Bush, que fabricou uma tempestade de mentiras e rasgou princípios fundamentais do Direito Internacional ao agredir o Iraque, provocando a morte e o caos para milhões de iraquianos, continua em liberdade. Os crimes da CIA não são investigados nem nos Estados Unidos nem nas instâncias internacionais.

Também Israel continua a fazer o que quer com a sua política de roubo dos territórios palestinianos e de negação dos direitos do povo da Palestina ao seu Estado livre e soberano. Os responsáveis pelas agressões contra a Palestina, o Líbano e a Jugoslávia ficam impunes.

Entretanto o exército americano executa manobras militares com a Coreia do Sul ameaçando todo o Extremo Oriente. Para quem estiver atento, longe de abrandar, o imperialismo mantém todas as opções para conter a revolta e a resistência dos povos, nomeadamente a da guerra, como resposta à crise que tende a agravar-se mais rapidamente do que os dirigentes do mundo capitalista imaginavam.

Este texto foi publicado em Avante nº 1.841 de 12 de Março de 2009

ALÉM MINHO

Quem deve ser despedido? O Governo PS!

ANDRÉ RODRIGUES / O ano de 2009 é particularmente exigente no que toca ao calendário eleitoral, sendo os portugueses chamados por três vezes às urnas, em Junho e provavelmente em Setembro e Outubro, data das eleições para o Parlamento Europeu, legislativas e autárquicas, respectivamente.

Quanto ao PS, no Governo desde 2005, a tônica do discurso é a insistência numa nova maioria absoluta como «única forma» de garantir a prossecução do «excelente trabalho» que o Governo está a fazer.

É evidente que para a grande maioria do povo português, para quem trabalha, para os jovens como para os reformados, os últimos quatro anos mostram bem o que este cenário certamente traria caso se concretizasse.

Procurando retirar dividendos políticos da crise que assola grande parte do planeta e não poderia deixar de afectar a frágil economia portuguesa, este Governo apenas poderia prosseguir a política de direita que corresponde à sua opção de classe. Demonstram-no os ataques constantes aos direitos dos trabalhadores, como as recen-

tes alterações ao Código de Trabalho, que representam um retrocesso histórico relativamente a direitos conquistados; o abandono à sua sorte das micro, pequenas e médias empresas, em nítido contraste com o apoio garantido às grandes instituições financeiras; a destruição do que resta do ensino público estruturado após o 25 de Abril, que motivou o claro protesto da generalidade dos professores que, em 2008, saíram por várias vezes à rua, protagonizando inclusivamente as duas maiores manifestações duma classe profissional de que há memória no

nosso país, a juntar às grandes manifestações convocadas pela CGTP-IN. Poderíamos continuar, englobando o forte descontentamento sentido noutros sectores, como a saúde e a justiça.

Isto verifica-se no mesmo país em que os grandes grupos económicos nada perderam dos seus privilégios, tal como não são hoje de forma nenhuma impedidos de mandar para o desemprego milhares de trabalhadores, mesmo quando o fazem num inqualificável aproveitamento do cenário de recessão, mais agravando o flagelo social do desemprego.

É disto que se trata quando se

fala da possibilidade de nova maioria absoluta do PS que, nunca o subestimemos, nada descarta a propagação, como vimos no último congresso, destinado à entronização do seu líder. Desde as intervenções até ao cenário, passando pela ausência de quaisquer vozes «críticas», tudo foi pensado em função do impacto mediático. Só não houve lugar para discutir qualquer ideia para o futuro do país.

Se muito mais haveria a dizer, o que ficou dito é quanto basta para que os portugueses se decidam a despedir quem deve ser despedido, o Governo PS.

ANÁLISE

Economia tóxica

XAVIER RODRIGUES FIDALGO

Ao tempo que a Economia Política transmutava em Ciência Económica, os economistas ganhavam em destreza matemática o que perdiam em capacidade de discernimento. Para vestir a eruca de borboleta, o seu método mais efectivo é o de Procusto, aquele simpático anfitrião que, crendo a sua cama canónica, esticava ou amputava os hóspedes que nom encaixavam nela. Como Procusto, custa-lhes compreender que leitões e sistemas económicos, na sua condição de obras humanas, nom podem ser mais perfeitos que o próprio primata que os desenhou, além da inteligência com que o presumamos dotado. E, talvez também como Procusto, som um pouco maníaco-depressivo: a sua perspectiva das cousas muda radicalmente dum dia para o outro e o que ontem era a máquina mais eficiente, hoje é um joguete escachado que precisa de refundição. Os científicos da economia deitáram-se umha noite com o seu lustroso diploma MBA na cama dos banqueiros, sonhando que o mundo todo encaixava numha tábua *input-output*, e espartáram adoecidos comprovando que a realidade se regia pola conta da velha. O artefacto de engrenagem humana que no sol-pôr logravam pilotar apenas com o temom do preço do dinheiro, à alvorada perdera direcção e sobravam-lhe peças. Pedírom entom guardar a Ciência Económica num caixom ou numha parêntese e desempoeirar a Economia Política, isso sim, só até que a lei da gravitação universal (o quarto atraí o quarto) voltasse a funcionar segundo os cânones.

Os economistas, científicos ou nom, semelham ter dificuldades para entender o que na minha aldeia (menos global, mas tam-



bém muito menos palerma) se soubo toda a vida. Por exemplo, que os quartos nom se comem. Ou que o que muito sobe, cai de mais alto. Ou mesmo algo tam singelo como que ninguém dá pesos a quatro pesetas. Uns por que fôrom idiotizados nas faculdades de Ciências Económicas (e Empresariais, que, no capitalismo, Isabel monta tanto como Fernando) e outros por serem conscientes laçaios do poder, acabárom enleados nas sedutoras curvas ideadas pola Escola de

Comprovárom que o artefacto de engrenagem humana que logravam pilotar com o temom do preço do dinheiro perdera a direcção e sobravam-lhe peças

Chicago, essas cujas pependentes se podem suavizar, para que fluam sinuosamente e sem grandes sobressaltos, com manobrar só umha variável: as taxas de juro. Assimilárom, portanto, que a fim da história vinha acompanhada da fim dos ciclos no modo de produçom capitalista.

Nesse contexto, alguém como Alan Greenspan (ex-presidente da Reserva Federal dos USA, o banco central ianque) era para a Ciência Económica quase o que Einsten para a física, um génio

que descobria o jeito de neutralizar as crises precisamente mediante umha das fórmulas que aos pobres chainhas da minha aldeia nunca se lhes ocorreria: a de prestar dólares a noventa centavos.

Porém, Greenspan nom era o especialista neutral e objectivo com que a Ciência Económica sonhou para os banqueiros centrais. Greenspan era um economista político camuflado baixo pele de carneiro que sabia desde o princípio que a economia nom era física, que tratava com seres humanos e nom com átomos sem alma, "que a relaxaçom das condições do crédito hipotecário para os prestatários *subprime* acrescentava o risco financeiro e que as iniciativas de propriedade imobiliária subsidiada distorciam os resultados do mercado". Mas, também, "que os beneficios da ampliação da propriedade imobiliária compensavam o risco. A protecçom dos direitos de propriedade, tam crucial para umha economia de mercado, requer umha massa crítica de proprietários para sustentar o apoio político" (GREENSPAN, A., *The Age of Turbulence. Adventures in a New World*).

O que nom sabemos é o que opinam Greenspan ou os economistas científicos do que acontecerá quando essa massa crítica de proprietários regresse à massa (neste caso o de "crítica", em todos os sentidos, está por ver) dos desposuídos. Talvez acreditem que, mentres dure a parêntese nacionalizadora de entidades financeiras, todos conservaremos, quando menos, a sensação de ser proprietários dos bancos que nos roubárom o fogar, mesmo que agora sejam, como fôrom sempre, simples bancos tóxicos.

Xavier Rodrigues Fidalgo, é economista na Confederação Intersindical Galega

CENTROS SOCIAIS

Aguilhoar Sta. Marinha · Ginzo de Limia	LSO Atocha Alta 14 Monte Alto · Corunha	A Casa do Trigo P. Maior · Ponte Areias	Fervosteiro Adám e Eva · Ferrol	Gomes Galoso Monte Alto · Corunha	SRCD Palestina Rua do Ril · Burela	Setestralo Perez Viondi, 9 · Estrada
Arrincadela C. Histórico · Ribad'Ávia	Atrouil S. José · Corunha	A Cova dos Ratos Romil · Vigo	A Formiga Redondela	O Guindastro Xulián Estévez, Teis · Vigo	O Pichel Sta. Clara · Compostela	Sam um cam Rua do Vilar, 9 · Ourense
Artábria Trav. Batalhons · Ferrol	Aturajo Principal · Boiro	A Esmerga Telheira · Ourense	A Fouca do Ouro Bertamiráns · Ames	Honriqueza Outeiro Quir. Palácios · Compostela	A Rovira Arc. Malvar · Ponte Vedra	A Tiradoura Reboredo · Cangas
	Belouca Vermelha Redondela · Ponte Areias	Faisca Calvário · Vigo	O Fresco B ^a da Ponte · Ponte Areias	Média Lova Amor Meilám · Lugo	A Revolta Rua Real · Vigo	CS Vogaluno R. das Nóreas, 5 · Lugo



OPINIOM

O quinto Foro Mundial da Água na Turquia: um novo intento do capital para a privatizar

LÍDIA SENRA

A Confederação de Sindicatos Labregos turcos, que é membro de Via Campesina em aliança com mais de cem organizações sociais que defendem o direito à água, constituíram a Plataforma "Nom à comercialização da Água". Esta Plataforma está a organizar mobilizações perante deste Foro Mundial da Água e da privatização da água na Turquia.

O Quinto Foro Mundial da Água, que se celebra do 16 ao 22 de Março na Turquia, foi convocado polo Conselho Mundial da Água, unha institución ao serviço das corporações multinacionais e dos grupos de interesse privados para mercantilizar e comercializar com os recursos hídricos e maximizar os seus próprios lucros. O Banco Mundial e os monopólios da água som os que dominam este Conselho.

O governo turco trabalha numha legislação que, caso seja aprovada, outorgaria a água dos rios, dos lagos e dos tanques às corporações, que até agora só tinham os serviços de distribuição.

Esta legislação implicaria entrar numha nova fase de privatização da água. É urgente parar este novo intento das transnacionais de se apropriarem dum recurso que deve ser público. Sem água e sem alimentos nom há vida.

As corporações transnacionais do comércio dos alimentos já provocáron no planeta mil milhões de pessoas famintas, milhares e milhares de famílias labregas forçadas a migrarem e outros muitos milhares em situações cada vez mais precárias, e a cidadania encontra-se submetida a umha dependência quase total destas corporações para comer.

Se agora também se apropriarem da água, o número de pessoas que se verá privada da água potável e o número de mortes incrementará-se ainda mais. Na actualidade, três milhões e meio de pessoas nom têm acesso à água potável. Quatro mil nenos e nenos menores de cinco anos morrem a cada día pola falta de água.

Privatizar a água é continuar a antepor os interesses do capital aos direitos das pessoas.

Vários países latino-americanos, entre eles a Bolívia, Equador, Venezuela, Cuba e Uruguai, están a propor que na declaração deste foro a água seja contemplada como um direito humano básico.

Nom se pode permitir que burocratas representantes de governos que nom duvidam em fazer leis para beneficiar interesses privados de grandes corporações, sejam os que decidam quem terá acesso no futuro à água.

A cidadania no seu conjunto devemos reagir e paralisar este novo atentado à humanidade e á natureza.

No SLG preguntamo-nos, no caso de continuarmos por este caminho, quanto tempo demorará a privatizar o ar que respiramos?.

Lidia Senra é Secretária de Organização do SLG



O GOVERNO TURCO TRABALHA NUMHA LEI QUE OUTORGARIA A ÁGUA DOS RIOS, DOS LAGOS E DOS TANQUES ÀS CORPORAÇÕES, QUE ATÉ AGORA SÓ TINHAM OS SERVIÇOS DE DISTRIBUIÇOM. ÉSTA LEGISLAÇOM IMPLICARIA ENTRAR NUMHA NOVA FASE DE PRIVATIZAÇOM DA ÁGUA. É URGENTE PARAR ESTE NOVO INTENTO DAS TRANSNACIONAIS DE SE APROPRIAREM DUM RECURSO QUE DEVE SER PÚBLICO. SEM ÁGUA E SEM ALIMENTOS NOM HÁ VIDA. PRIVATIZAR A ÁGUA É CONTINUAR A ANTEPOR OS INTERESSES DO CAPITAL AOS DIREITOS DAS PESSOAS. NOM SE PODE PERMITIR QUE BUROCRATAS QUE NOM DUVIDAM EM FAZER LEIS PARA BENEFICIAR INTERESSES PRIVADOS, SEJAM OS QUE DECIDAM QUEM TERÁ ACESSO NO FUTURO À ÁGUA

CONSUMIR MENOS, VIVER MELHOR

Decrescer é um bom jeito de medrar (o mundo através dum lava-louça)

TONI LODEIRO

O Plano Renove de Electrodomésticos, subvenciona com entre 85 e 100 euros, a substituição, por exemplo, do nosso antigo lava-louça por um de "eficiência energética A", que com o seu menor consumo eléctrico fará que nuns anos amortizemos o investimento (entre 250 e 600 euros).

Dim-nos ademais que aforraremos água e energia a respeito do tradicional lavado à mão. Será certo? O lava-louça implica a necessidade de matérias-primas (metais, petróleo –plásticos de peças e embalagens, pinturas e tintas–, papel e cartom –caixa, instruções–). A fabricação precisa de energia (gás, por exemplo), e transportamos as matérias-primas à fábrica graças ao petróleo. A comercialização precisa de novos transportes: o aparelho vai a centros de distribuição, destes às tendas, destas aos lares. Poderíamos puxar do fio até quase o infinito se nos metemos na fabricação de camions, coches para se deslocarem as trabalhadoras à fábrica, lixo extra por nos desfazermos de aparelhos que ainda funcionam ou que se poderiam reparar, abrir novas tendas, publicidade... Todo isto é o que se conhece como *mochila ecológica* dum produto. Tendo em conta a do lava-louça, trata-se logo de aforrar água e energia? ou de fomentar o consumo e gerar postos de trabalho?

Nom deve faltar sair para a rua a protestar contra petroleiros, regasificadoras, pedreiras, eucaliptos e papeleiras... mas tampouco questionar-nos "os lava-louças" da nossa vida cotiá que fam que nom saibamos viver sem os citados monstros.

Amiúdo dispersamos de mais a nossa energia com o consumo excessivo de objectos, mas também de horas de trabalho, actividades de ócio, relaçons pessoais... *Liberarmos tempo para poder desfrutar com calma das cousas que fazemos, para lavarmos a louça da casa à mão e sem apuro... é o maior benefício que podemos tirar de nos questionar os nossos hábitos.* Deseducarmo-nos e mudarmos de hábitos nom é doado, às vezes custa ver os primeiros resultados, mas pode proporcionar-nos tanto bem-estar que paga a pena tentarmo-lo...

Toni Lodeiro é autor da página web www.nodo50.org/consumirmenosvivermejor

O mês que vem:

Lavando a louça, aforro de água e energia e opções ecológicas em utensílios e produtos de limpeza



O caracol, símbolo do Decrescimento. Imagem da web www.decrecimiento.info, que contém ligaçons a webs relacionadas com o decrescimento na Galiza e no resto do Estado espanhol

AMIÚDO DISPERSAMOS DE MAIS A NOSSA ENERGIA COM O CONSUMO EXCESSIVO DE OBJECTOS, MAS TAMBÉM DE HORAS DE TRABALHO, DE ÓCIO, RELAÇONS PESSOAIS... LIBERARMOS TEMPO PARA PODER DESFRUTAR COM CALMA DAS COUSAS QUE FAZEMOS, PARA LAVARMOS A LOUÇA DA CASA À MAO E SEM PRESSA... É O MAIOR BENEFÍCIO QUE PODEMOS TIRAR DE NOS QUESTIONAR OS NOSSOS HÁBITOS. DESEUCARMO-NOS E MUDARMOS DE HÁBITOS NOM É DOADO, ÀS VEZES CUSTA VER OS PRIMEIROS RESULTADOS, MAS PODE PROPORCIONAR-NOS TANTO BEM-ESTAR QUE PAGA A PENA TENTARMO-LO...

REPORTAGEM

Rede Anticapitalista: "aliança em construção aconfessional, não partidária e profundamente anti-sistémica"

Após a primeira edição do Foro Social Galego celebrada em Dezembro de 2008 em Santiago de Compostela, algumas organizações e pessoas a título individual acordaram levar a cabo acções concretas dando lugar a um novo espaço de trabalho conjunto: a Rede Anticapitalista galega, a Rál, com o objectivo de gerar sinergias na procura dumha massa crítica que permita ultrapassar o sistema capitalista e as crises que o acompanham. A

sua primeira acção-apresentação, depois de ter participado na manifestação convocada pela rede cidadá Galiza nom se vende, terá lugar no sábado 28 de Março ao fio dos protestos enquadrados na Semana de Acção Global contra o Capitalismo e a Guerra, do 28 de Março ao 4 de Abril, convocada pela Assembleia de Movimentos Sociais reunida no Foro Social Mundial realizado a começos deste ano em Belém do Pará.

VERA-CRUZ MONTOTO/Depois da sua constituição no passado dezanove de Janeiro, a Rede Anticapitalista Galega (Rál) representa a convergência de movimentos sociais, organizações civis e cidadãs/ás na oposição ao sistema de dominação actual: o capitalismo, tem a vontade de constituir umha iniciativa plural e aberta com umha aposta transversal para combater a fragmentação de lutas mediante a apresentação de opções programáticas de resposta e proposta.

A Rál assume que a esquerda institucionalizada abandonou há tempo os seus programas de transformação social, e sublinha nos seus documentos base que não é umha plataforma eleitoral nem o trampolim de nengumha candidatura - não podem fazer parte da rede estruturas partidárias nem cargos públicos - mas umha iniciativa para levar a política à rua.

A sua organização interna baseia-se na metodologia assemblear, mediante a realização de plenários e com o estabelecimento de comissões de trabalho que hoje abrangem três eidos de acção: Estratégia, Articulação e Formação e Comunicação.

Perante a crise de dimensões múltiplas (trabalho, de acesso aos alimentos, energética, ambiental e financeira) que assola a sociedade civil a nível global, os colectivos e pessoas integrantes da Rede Anticapitalista denunciam que as soluções que nos estão a impor desde o poder político-empresarial - mais livre comércio, mais quartos públicos para resgatar os bancos, o sector automobilístico e imobiliário, mais oligopólios, mais transgénicos, etc. - tratam de acochar que a crise é produto do sistema capitalista e do neoliberalismo.

"As finanças desregulamentadas destroem as sociedades, sendo nas crises agudas, como a que estamos a padecer agora, onde se revelam brutalmente os incríveis excessos da cobiça especulativa e as suas repercussões", afirmam.

A Rál quer chamar a atenção sobre o facto de a Galiza não ser alheia a este ataque, já que a crise vem agravar a situação criada pelas políticas neoliberais dos distintos governos que passaram pelo nosso país: desestruturação social, cresci-



A Rál assume que a esquerda institucionalizada abandonou há tempo os seus programas de transformação social, e sublinha nos seus documentos base que não é umha plataforma eleitoral nem o trampolim de nengumha candidatura

mento da precariedade laboral, desmantelamento de infra-estruturas chaves de vertebração territorial e de transporte sustentável, recorte nos serviços públicos, processo de desertização do mundo rural e de liquidação das pequenas e médias explorações agro-pecuárias familia-

res, desmantelamento do tecido produtivo marinho, políticas de agressão ao meio ambiente.

Apostam em reciclar a actual crise económica mundial numha oportunidade histórica de transformação social. Enquanto os/as líderes mun-

diais pretendem refundar o capitalismo, os movimentos sociais deverão abordar o calendário e os instrumentos para converter o 2009 num ano de acção global contra o capitalismo com resultados efectivos e não só impressionadores.

Apostam em reciclar a actual crise numha oportunidade histórica de transformação social. Enquanto líderes mundiais pretendem refundar o capitalismo, os movimentos sociais deverão abordar o calendário e os instrumentos para converter 2009 num ano de acção global contra o capitalismo com resultados efectivos e não só impressionadores

Direitos da humanidade frente aos interesses do capital

A Rede Anticapitalista une esforços numha luta transversal pela elaboração de novas políticas "que anteponham os direitos presentes e futuros da humanidade aos interesses do capital":

- Direito á soberania alimentar dos povos.
- Direito a um trabalho e a umha vida digna e contra a precariedade laboral e as novas formas de escravidom.
- Remuneração correcta do trabalho.
- Deslegitimação das políticas económicas e sociais que reproduzem as estruturas patriarcais.
- Defesa e extensom dos serviços públicos
- Manutenção dos valores ambientais (espécies e espaços), dos recursos naturais (água, sementes...) na esfera do público.
- Direito ao meio ambiente frente ás agressões ao território.

- Sustentabilidade energética.
- Defesa das liberdades e novas formas de participação democráticas.
- Defesa dos direitos humanos, a multiculturalidade e a paz.

Como síntese da sua proposta alternativa destacam o apoio a umha "transformação imprescindível e de longo alcance do sistema económico e financeiro internacional. Não nos resignamos. Creemos que a mudança do mundo é possível! A cidadania galega, junto com os seus movimentos sociais, que em momentos recentes demonstrou ter umha grande capacidade de mobilização e dignidade, não vai ficar parada e vai participar na revolta global que já começou nos países do Sul e também aqui. Por umha outra Europa social, dos povos e não das multinacionais".

Diversidade de colectivos e apoios para aglutinar movimentos sociais

A Rede Anticapitalista Galega (Rál) encontra-se integrada na altura polos colectivos Altermundo, Amarante, Baiuca Vermelha, CEMMA, CGT Ponte Vedra, CIG Serviços, Engenheiros Sem Fronteiras, Gentilha do Pichel, Implicadas no Desenvolvimento, Médicos do Mundo, Marcha Mundial das Mulheres, OSPAAAL, Foro Imigração, Panxea, AIS O Peto, Sindicato Labrego Galego, Sinerxia, Verdegaiá, Véspera de Nada, Veterinários Sem Fronteiras, Whipala e A.C. Xermolos, aos quais há que acrescentar as adesões a título individual.

ENTREVISTAS

NOVAS DA GALIZA ENTREVISTA PROTAGONISTAS DAS JORNADAS 'SEXUANDO' DOS CENTROS 'QUERO-TE'

Novas chegadas para a análise e o estudo da sexualidade de hoje confluem na Galiza

BEATRIZ SANTOS / A meados do 2006 abre em Santiago o primeiro dos Centros Quero-te, um ano mais tarde o de Lugo. Ao longo do 2008, abrirom os de Ourense, Burela, Ferrol e Vigo. No 2009, foi o da Corunha. O modelo teórico sexológico dos seus começos, baseado no sexo como reproduçom (do que se tem falado amplamente neste jornal no artigo do Novas n.º 36 e em diversos números da secçom *A conjugar o verbo sexuar*) foi virando cara ao modelo dos sexos, sexuante ou do facto sexual humano. Esta mudança de Modelo, ainda nom completamente consolidado, tem o seu ponto mais

álgido nas jornadas "Sexuando" celebradas no Verbum de Vigo o 23 e 24 de Janeiro. Nelas participam, entre outras, representantes relevantes desta corrente teórica, também conhecida como Modelo Substantivo: Carlos de la Cruz, Joserra Landarroitajuregi, Silverio Sáez, Debora Bad... As jornadas, as mais importantes celebradas até ao momento no país, fõrom teoricamente correctas, mediaticamente atractivas (sobretudo pola presença de Valerie Tasso, á margem da polémica descontextualizada que suscitou a sua presença) e frutíferas no fornecimento de experiências de grande interesse. Como

mostra destas jornadas, seguem quatro entrevistas realizadas a três das relatoras bem como ao coordenador dos centros *Quero-te*. Mercedes Oliveira, que acaba de publicar o livro *A construçom de novos homes e mulleres*, com quem tratámos a temática das masculinidades; Carlos de la Cruz, Joserra Landarroitajuregi, sexólogo do Concelho de Leganés, com quem falámos sobre mocidade; Joserra Landarroitajuregi, sexólogo e umha das pessoas criadoras do Centro de atençom ao casal *Biko Arloak*, com quem abordámos a temática dos casais; Ignacio Iglesias Villar, coordenador dos centros *Quero-te*.

CARLOS DE LA CRUZ MARTIN, SEXÓLOGO DE LEGANÉS

"Só se acaba por desfrutar da erótica quando nos mostramos como somos"

Os encontros entre os e as moças do botelhom temem características próprias que os diferenciam dos anteriores 'amores de barra'?

Pois provavelmente, cada geraçom tem as suas próprias chaves. E ainda que entre o botelhom e os 'guateques' há elementos comuns, também os há distintos. O significado do consumo de álcool como o que se outorga agora às relaçons eróticas nom é igual que há uns anos.

Como se lhe pode explicar de forma simples a umha pessoa adolescente que está namorada?

Sinceramente, acho que quem está namorado ou namorada sabe-o e ainda que lho expliquem... as explicaçons sempre seriam racionais, que é justo o que nom é o namoro. Assim que as únicas explicaçons possíveis seriam sobre como aprender a expressar e a manejar as emoçons.

Que características deveria reunir ao teu entender umha boa campanha publicitária orientada à prevençom de gravidezes nom desejadas em adolescentes?

Algo tam simples como lembrar que as gravidezes nom ocorrem porque se 'juntem' um pénis e umha vagina. E num homem e umha mulher há muitas mais cousas que os seus genitais ou os seus espermatozóides e óvulos. Haverá que falar de corpos e de pele, da fisiologia do prazer, de práticas eróticas com que nom é possível ficar grávida, de coerências e de desejos e de que a satisfaçom nom se mede exclusivamente por número de orgasmos ou ejaculaçons.



Que questons básicas deveriam tratar-se, conhecer-se nas famílias com adolescentes para lhes ensinar a ser mais felizes?

Todo o que permita o senso comum. A pergunta, se for formulada ao revés, seria insensata: que questons deveriam deixar-se fora? Portanto, o que sabemos é que o silêncio nom contribui para a felicidade e, evidentemente, muito menos deixar sem falar todo aquilo que preocupe, que inquiete ou simplesmente que provoque curiosidade.

É possível levar a cabo umha boa educaçom sexual no núcleo familiar apesar das campanhas externas de prevençom?

Sim, claro, para fazer boa educaçom sexual desde a família nom faz falta ser especialistas, basta com um pouco de boa vontade e boa disposiçom. Pode-se ser imperfeito e estar cheio de dúvidas. Ninguém examina. A única chave é a naturalidade, ser quem de mostrar-te como és. Ao final só se acaba por desfrutar da erótica quando somos quem de nos mostrar como somos.

JOSERRA LANDARROITAJUREGI, DO CENTRO 'BIKO ARLOAK'

"Na empresa da convivência amorosa, o sucesso nom reside na 'selecçom de pessoal', mas na 'co-gestom existencial'"

Existe a 'meia-laranja'?

Se 'meia-laranja' quer dizer que há alguém no mundo 'desenhado' para te complementar e a quem tens de buscar qual agulha num palheiro, entom nom existe: falamos de um conto mal contado. Assim que melhor nom perder tempo nisso. Podes acabar exprimindo-o e exprimindo-te, para nom tirar suco amoroso algum. A 'meia-laranja' é um conto que procede de outro conto. Ou, melhor dito, de um mito grego: o Mito do Andrógino; que Platom pom na boca de Aristófanes no seu Diálogo 'O Banquete'. Mas, ali, 'meia-laranja' nom é tanto aquilo 'que um busca', senom aquilo 'que um é' e a razom 'pola qual um busca'. Visto assim, o tema da 'meia-laranja' tem mais suco. Pois o assunto nom é buscar umha 'meia-laranja' inexistente, senom decaçar-se de que um é, e existe, em tanto que 'meia-laranja'. Pois, segundo o conto, seríamos seres cortados polos deuses. Seres vulneráveis e necessitados do outro, buscadores e anelantes.

E a parrelha perfeita? Que características deve cumprir um par para ser perfeita?

O pior que lhe pode passar a um par é que se creia perfeita ou que pretenda sê-lo. A perfeiçom é umha maldiçom, um veneno e um sofrimento desnecessário. Amar é saber-se – e saber o outro – imperfeito; pois

somos 'seres cortados'. Desde a nossa condiçom imperfeita, amamos imperfeitamente pessoas imperfeitas. Todo o demais é enganar-se e enganar. Nom se trata de 'escolher bem' o companheiro de amores, senom de 'gerir bem' o jogo amoroso. Na empresa da convivência amorosa, o sucesso nom reside na 'selecçom de pessoal', mas na 'co-gestom existencial'.

Perguntamos a Carlos de la Cruz como se lhe pode explicar facilmente a umha pessoa adolescente que está namorada. Como se lhe pode explicar facilmente a umha pessoa adulta que um sentimento amoroso para com ela rematou?

É estúpido pretender 'descobrir' o amor. Quando chegar, se chegar, já se encarregará o amor de 'te descobrir'. Um *sabe* que está namorado, como *sabe* que está dormido: 'desde dentro'. O amor é um ser vivo que requer cuidados, nutrientes e manutençom. Mesmo umha pouca sorte, para que nom se quebre numha má queda. Caduca – mesmo apodrece – se nom receber adequado tratamento.

Parece que em certos países europeus, em concreto países nórdicos, o facto de viver como casal perdeu valor nos últimos anos e que, em consequência, incrementou-se o número de pessoas que vivem sem par.

Anelamo-nos, mas, cada vez

mais, estamos à defensiva. É um dos preços deste tempo no qual o antigo modelo patriarcal já nom serve, mas o novo quadro de relaçons entre os sexos ainda nom funciona. Vivemos um tempo anónimo no qual a Guerra dos Sexos engorda. Elas defendem-se deles e eles, delas. E uns e outras sentem-se atacados. Entre todos estamos a pôr muito Dever, muito Reproche e muita Culpa; e estamos a pôr pouco Desejo, pouca Sinergia e pouca Cumplicidade. Assim que a convivência dos sexos, o compromisso dos conviventes e o projecto biográfico comum dos amantes estão tocados.

A que se deve esta queda actual do valor da vida em casal? Quais som na tua opiniom os problemas mais comuns dos casais actuais? Quais che parece que se anunciam como problemas mais comuns para as parrelhas de um futuro nom muito longínquo? Algumha 'receita' para os evitar?

O problema actual das parrelhas heterossexuais é como gerem na intimidade as suas diferenças e as suas dependências sexuais, sendo que o discurso público impom ser iguais e independentes. Estamos a tratar de resolver as questons da 'meia-laranja', negando a nossa condiçom 'partida' de 'seres cortados'. Fazemos como se fõssemos 'laranjas inteiras'. Umha perigosa mistura de ignorância e soberba.

IGNÁCIO IGLESIAS, COORDENADOR DA REDE 'QUERO-TE'

“Modificar preconceitos e potenciar a reflexom facilita que a gente nova poda viver mais harmoniosamente a sua sexualidade”

Tens comentado nalgunha ocasiom (Fervenzas 10) que o vosso modelo teórico é odo Facto Sexual Humano e Biográfico. Isto nom foi mesmo assim desde o principio e a vossa página Web, ainda nem adaptada a este modelo, mostra tal realidade. Em que momento começais nos Quero-te a seguir o modelo teórico do Facto Sexual Humano e Biográfico? De que jeito? Como se plasma na vossa prática quotidiana?

O projecto para a posta em marcha da rede de centros Quero-te é anterior á abertura do primeiro deles. Assim, quando o centro é posto em marcha já tem feita unha página web desenhada por um grupo de profesionais externo encarregado do desenho do primeiro material. Neste momento, de aquela primeira etapa resta apágina web e pouco mais, já que o projecto inicial é modificado poladinámica própria da rede, na qual, para além das circunstâncias organizativas etécnicas, tem especial relevância a composiçom do seu quadro de pessoal. Namedida em que a formaçom e especializaçom técnica da equipa humana medra, o modelo teórico em que se baseia a intervençom é indiscutivelmente este. Na nossa prática quotidiana, o elemento que define esta perspectiva, é a abordagem profesional do sexo, da sexualidade e da erótica desde o conhecimento sexológico e nom desde as distintas disciplinas profesionais.

Estais a vos coordenar com outros recursos comunitários? Como é esta coordenaçom?

Trabalhamos em coordenaçom com os programas públicos, instituicoes e entidades associativas com que podemos encontrar un nexo de interesse comum para desenvolver a nossa actividade. Como exemplo, podemos assinalar os programas do Consórcio Galego de Serviços de Igualdade e Bem-estar, de Educaçom Familiar e as agências de Igualdade e Bem-estar, centros de ensino, diversos concelhos, Deputaçom Provinciais, entidades como a ONCE, COGAMI, Projecto Homem, entidades de menores de protecçom e reforma, e em geral todos aqueles que nos permitem desenvolver com garantias un projecto técnico de intervençom.

Se alguém que lê o jornal quiser trabalhar convosco, que requisitos terá de cumprir? Onde deveria dirigir-se? Que listas maneja para a nova contrataçom de pessoal?

Quando nasceu a rede de centros Quero-te, fijo-o inicialmente como un projecto de investigaçom vinculado à Universidade de Santiago de Compostela, e as contrataçom que se fígerom nessa etapa fôrom através dos canais destainstituioem. A contrataçom de pessoal da rede de centros Quero-te dependedesde o mês de Junho do ano passado do Consórcio Galego de Serviços de Igualdade e Bem-estar. Nom está previsto neste momento nengum processo selectivo, polo que nom podemos saber se serão utilizadas as listas de esperadoutro programa ou se será feita unha convocatória específica de listas para a contrataçom dos centros Quero-te.

E se quiser ser utente, que requisitos terei de cumprir?

Nom há requisitos prévios para ser utente da rede de centros, simplesmente contactar-nos, quer presencialmente, por telefone ou através do correio electrónico.

Comentas (Fervenzas 10) que atendes pessoas de todas as idades, que serviços ofereceis as pessoas nom novas?

A rede de Centros Quero-te foi concebida para atender gente nova, e, assim, os seus materiais, as suas mensagens, os seus horários, a estética, os meios de contacto... todo o seu funcionamento está estruturado para fazê-lo acessível e atractivo para o segmento de populaçom entre 15 e 30 anos. Porém, evidentemente nom podemos discriminar ninguém por razom de idade, já que, entre outras questons, seria impossível saber a idade que tem alguém através das consultas da Internet ou numha chamada telefónica, polo qual os serviços que prestamos quanto à informaçom, assessoramento e acompanhamento som acessíveis para todas as pessoas que os requeiram. Quanto às actividades de grupo, há intervençom que temem vários destinatários: assim, un obradoiro destinado a pais, mães e tutores incide nos moços e moças de jeito indirecto; de igual forma, podemos falar doutras actividades que estão dirigidas a sectores da sociedade sem ter em conta a idade, como os desenhados para se chegar das realidades próprias dos colectivos LGBT. Trabalhar para modificar preconceitos e potenciar a reflexom sobre a sexualidade e os fenómenos culturais e sociais anexos, é un jeito de facilitar que a gente nova poda viver mais harmoniosamente a sua sexualidade.

MERCEDES OLIVEIRA, ESPECIALISTA EM MASCULINIDADES

“O caminho para a igualdade é muito libertador também para os homens”

Falavas na tua exposiçom de que as e os adolescentes temem falta de referentes atractivos que nom repitam os antigos modelos masculinos.

Pois assim como as moças já há anos que encontramos modelos de sermos mulher e referentes de mudançom alternativos ao modelo tradicional muito interessantes, hoje os moços estão un pouco perdidos neste plano. Em geral, temem claro que rejeitam o modelo tradicional machista mas nom encontram outras alternativas claras. Estão un pouco perdidos, temem ser considerados pouco masculinos ou mesmo aparece o fantasma da homossexualidade.

Mas, ao igual que aconteceu no seu momento com as mulheres que fugiam de ser como suas mães e se achegárom mais do rol do pai surgindo o híbrido que somos as mulheres actuais, isto nom poderia permitir um maior achegamento ao novo rol da mãe?

Sim, hoje ser mulher independente, livre e segura de tu mesma nom leva necessariamente ao modelo masculino como podia ocorrer há anos. De facto, nalgunha ocasiom as mulheres no poder imitavam o proceder masculino. Hoje estamos a incorporar, em muitos casos, a bagagem feminina tradicional ao mundo do poder. Do que se trata é de incorporar a riqueza do cuidado: a tenrura, a sensibilidade, o "tacto"... a todas as formas do poder. Hoje podemos pensar o poder sem a conotaçom da agressividade. De facto, há homens que estão a tratar de se mostrar deste jeito.

No passado, desde o feminismo, algumas docentes buscavam para o seu alunado a visibilidade de mulheres afastadas do rol tradicional que sem dúvida existia na altura. Na actualidade, nom seria mais ajeitado buscar o rol de homens igualmente afastados do seu rol tradicional?

Sim, está muito bem visibilizar os homens que se afastam do rol tradicional. Também é importante que os moços podam pensar-se noutras maneiras de ser homem. Que se decatem de que há muitas maneiras de masculinidade, se quadra, podemos dizer que há tantas maneiras de ser homem como homens exist-



“Cada vez somos mais livres e há muitos moços que estão fartos de ir pola vida de “rapazes Marlboro”, que nom temem que demonstrar sempre essa valentia, essa segurança em si mesmos, esse gosto polo risco e a heroicidade que tantas vezes se converte em temeridade com un elevado custo para um mesmo”

“A cultura patriarcal submete homens e mulheres”

tem. Porém isto muitas vezes nom se sabe, e é seguida a consigna da masculinidade hegemónica. Penso que cada vez somos mais livres e há muitos moços que estão fartos de ir pola vida de "toureiros" ou de "rapazes Marlboro", que nom temem que demonstrar sempre essa valentia, essa segurança em si mesmos, esse gosto polo risco e a heroicidade que tantas vezes

se converte em temeridade com un elevado custo para un mesmo. Nom esqueçamos as taxas de mortalidade dos homens, o índice de suicídios, de acidentes, de doenças...

Houve umha época no feminismo em que se dizia que todas as mulheres fomos maltratadas alguma vez polo facto de sermos mulheres e que, para mais além, todo o homem foi, é ou será maltratador pola sua condiçom de homem. Como vêis na actualidade esta antiga máxima?

Nom gosto dessa ideia, creio que nom ajuda nem a entender a nossa cultura nem a mudá-la. Eu entendo que a cultura patriarcal submete homens e mulheres. As mulheres fôrom e continuam a ser maltratadas mas o maltrato é estrutural, abrange todos os aspectos da vida humana e som as mulheres as reprodutoras e as educadoras nesta cultura de alienaçom. A mudançom está muito perto, já começamos a alviscar que gostamos das cousas doutra forma, que queremos desenhar o nosso próprio projecto de vida em funçom de escolher entre as nossas potencialidades independentemente de sermos homens ou mulheres.

Ser homem hoje assemelha-se a praticar un desporto de risco: morrer mais novo, passar mais pola cadeia, sofrer mais fracasso escolar... Pensas que os homens do futuro estão condenados a estas lacras? Como desejarias tu que fossem os homens novos do futuro?

Quando dizia Luis Cernuda "aprendim o oficio de homem duramente", estava a denunciar o maltrato que para un neno implica o processo de se fazer homem. Penso que o caminho da igualdade é muito libertador também para os homens. No momento em que eles se decatem do que podem ganhar sendo mais relaxados na forma de se viverem em masculino e se acheguem às responsabilidades do cuidado, entendido no sentido amplo de escutar, querer, acarinhar, termar... entom verém como ganham em qualidade de vida. Porque o mundo dos afectos é muito importante para o ser humano e, em definitivo, o que queremos e sentimos queridas e queridos.



A FUNDO

PRIMEIROS CAMPOS DE ORGANISMOS GENETICAMENTE MODIFICADOS NA GALIZA

Opacidade política favorece o avanço do cultivo de transgénicos das multinacionais da agro-indústria

O Estado espanhol foi o mais tolerante da União Europeia na altura de consentir a proliferação indiscriminada de campos de experimentação transgénica. Apesar das tímidas moratórias que recentemente decide aplicar a casta política, não há nenhuma medida de choque real que impeça a proliferação dum cultivo com perigo potencial para a saúde humana, e que

favorece o monopólio de sementes. Perante a passividade social generalizada, os transgénicos chegam à Galiza, sem que nem Parlamento nem concelhos tenham competências reais para frear a sua expansão. Por enquanto, os movimentos populares advertem do perigo e preparam um calendário de acção. NOVAS DA GALIZA oferece as chaves desta ameaça crescente.

ALBERTE MARQUES / Com os primeiros cultivos transgénicos, as multinacionais afixam a sua influência no agro galego, imiscuindo-se em propriedades privadas, afectando as variedades de cultivos locais, e as formas de vida. Duas poderosas empresas do sector agro-industrial —a Monsanto e a Pioneer— tomaram já posições no nosso rural, instalando pequenas posições de avançada que depois serão aproveitadas, presumivelmente, para darem novos passos. A chegada dos transgénicos à nossa terra enquadra-se num aumento exponencial da agricultura industrializada em todo o mundo, e dos lucros crescentes das transnacionais da alimentação, os fertilizantes e os pesticidas. O ecologista leva mais dumha década a advertir sobre a necessidade de estudos independentes e rigorosos sobre os efeitos da modificação genética, prévios a umha decisão colectiva tomada com todas as garantias.

Recentemente, um estudo publicado na revista Nature, e assinado por investigadores mexicanos estado-unidenses, demonstrou a propagação de transgenes em variedades tradicionais de milho cultivado em Oaxaca; contra as teses defendidas pelos científicos ligados à Monsanto, a maior transnacional agro-alimentar do planeta, que defendem a inocuidade destes cultivos.

“O sonho do alquimista”

J. M. Naredo, investigador especializado em história ambiental, chamou “o sonho do alquimista” ao progressismo agronómico ocidental. Desde os primeiros ilustrados, as elites cultas europeias sonharam em converter a agricultura em mais umha actividade industrial, planificada com rigor cartesiano e mantida bem longe da “ignorância rotineira” do pobre lavrador. Um desejo cumprido com o controlo total da natureza que traz a era biotecnológica. Mas só agora conhecemos os custos desta operação alquímica, em forma de insegurança alimentária, cancro, empacho no norte e fome generalizada no sul. Por palavras de Santiago Alba, o capitalismo tornou realidade os velhos sonhos



Mobilização da Plataforma Galega Antitransgénicos frente ao parlamento autonómico na data em que se debatia a proposta legislativa para declarar Galiza como zona livre de plantações geneticamente modificadas

emancipadores do socialismo, mas fixo-o em forma de pesadelo: domínio total da natureza, fim da superstição, produção em abundância e cientificação da produção. O agro dos especialistas, os agrónomos e as transnacionais da investigação genética, com a imagem de postal desenhado na propaganda televisiva, responde perfeitamente a esta utopia negativa. Enquanto a Europa se distrai tranquilamente na sua “sociedade do lazer”, avançam cultivos que podem envolver envenenamento generalizado para todos.

Obscurantismo calculado

Empresas e políticos mantêm umha opacidade deliberada no respeitante à instalação de campos. Apesar de tratar-se dum tema que não está a provocar grande controvérsia social, fora dos círculos mais consciencializados de ecologistas e militantes, os responsáveis cuidam-se muito de dar dados concretos sobre as suas operações. Assim, Espanha vota no Conselho de Ministros do Meio Ambiente da UE em favor da proibição de certas variedades transgénicas cultivadas na Áustria e Hungria, enquanto permite o avanço dos campos no seu próprio

A chegada dos transgénicos à nossa terra enquadra-se num aumento exponencial da agricultura industrializada em todo o mundo, e dos lucros crescentes das transnacionais da alimentação, os fertilizantes e os pesticidas

território. Para isso, o obscurantismo é fundamental. Até datas mui recentes, as empresas promotoras apenas tinham a obriga de dizer em que concelhos instalavam os seus campos de ensaio, com o pretexto de não dar informações a colectivos interessados em arrasá-los através da acção directa. Assim aconteceu no Estado francês, onde activistas da “Confederação Paisana” arrancaram plantações ou, mais recentemente, em Portugal, onde o movimento “Verde Eufémia” destrói umha seara de transgénicos no Algarve, no verão de 2007. Porém, umha sentença recentemente proferida pelo Tribunal Europeu obrigou os Estados a fazerem públicos as localizações concretas dos campos, favorecendo assim a livre circulação de informações. Espanha continua a negar-se.

Comarcas galegas afectadas

Assim, no concelho de Arçua, a Monsanto ensaia com dous tipos de milhos modificados geneticamente: os chamados MON-88017 e NK-603. Ambos som criação desta mesma empresa. Nos concelhos de Ribeira, Vilalba, Chantada e Messia, a empresa Pioneer solicitou, segundo puido

Até datas mui recentes, as empresas promotoras apenas tinham a obriga de dizer em que concelhos instalavam os seus campos de ensaio, com o pretexto de não dar informações a colectivos interessados em arrasá-los através da acção directa

saber NOVAS DA GALIZA, “sementar até 1000 m² das plantas de milho modificado geneticamente”. O prazo autorizado pelas administrações para este cultivo vai de Abril a Dezembro de 2009, com o que a actuação é iminente. As autorizações a Monsanto, por seu turno, são mais abrangentes: a transnacional obtivo a possibilidade de cultivar campos de 2000 metros quadrados, de começar no passado mês de Janeiro, e de ensaiar até primeiros do ano próximo. Fora destas informações genéricas, são poucos os dados que maneiamos para deitar luz sobre um tema tam controvertido. Todo o ecologismo organizado, acompanhado por parte do sindicalismo agrário, tem erguido a voz de denúncia contra este tipo de cultivos, enquanto os grandes promotores —governos e empresas— respondem com o silêncio ou com puras evasivas. Ainda que NOVAS DA GALIZA contactou com o Departamento de relações públicas da Monsanto, nenhum responsável da empresa quijó esclarecer dúvidas, afirmando que se poriam em contacto com esta publicação numha data indefinida; no tocante à Pioneer Hi-Bred Spain SL, sediada em Sevilha, a atitude foi semel-



A experimentaçom com transgênicos já chegou à espiga de trigo, com o intuito de que produza mais grao. Foi protegida com oito pesticidas e várias hormonas que provocam cancro. Diante a impopularidade na Europa, a Monsanto contratou umha importante companhia publicista sediada na Inglaterra para fazer campanha

hante. O seu responsável, em correio electrónico aos nossos redactores, manifestou que “surgiu um imprevisto e nom pode mandar a informaçom solicitada”.

Oposiçom popular

Perante as evasivas, dilaçoms e silêncios das entidades promotoras, a voz do ecologismo está a mostrar-se com grande contundência. Mesmo associaçoms com marcadas filias governamentais e colaboraçoms estreitas com instituiçoms, caso de ADEGA, tenhem falado muito claro: “nem o governo central nem o galego (em alusom ao derrotado bipartido) estão a assumir a responsabilidade em matéria de participaçom e consulta pública”, manifestam. Tratando-se dumha competência do Ministério do Meio Natural, a entidade ambientalista solicitou dados concretos sobre a instalaçom dos campos na Galiza. Segundo ADEGA, e apesar da resposta formal dos dirigentes espanhóis, “apenas se nos diz que a informaçom já é pública, dando-nos notícia dos concellos e comunidades onde se plantam organismos modificados geneticamente. Mas faz-se impossível para qualquer labrego ou cidadám saber se perto da sua leira há plantaçoms de milho transgênico”. Porém, esta atitude de rechaço à fiscalizaçom popular nom surpreende aos ecologistas. Afirmam, das mesmas fontes, que o Reino de Espanha “é o maior sumidouro de lixo genético da Europa: no 2007 fôrom sementadas 75.000 h. de milho transgênico e na Galiza, apenas para 2008, há onze pedidos de ensaio.” Com estes dados acima da mesa, nom semelha aventurado pensar que existam já na nossa terra leiras para a produçom e comercializaçom de transgênico no nosso país”.

O máximo que se conseguiu foi umha declaraçom de boas intençoms, que insta literalmente a Junta a “recomendar a pesquisa em engenharia biogenética,



A PGA leva adiante umha ambiciosa campanha de divulgaçom e prepara umha mobilizaçom de rua para o dia 18 de Abril

tendo cuidado com os Organismos Geneticamente Modificados (OGM)”. Segundo declara Charo Sánchez, do Sindicato Labrego Galego, “teria sido muito importante que a câmara desse o passo de declarar a Galiza zona livre de OGM”. Ainda que nom se poderiam frear as autorizaçoms que chegassem de

Espanha, “o governo e as empresas perderiam muita legitimidade nas suas actuaçoms”.

Oposiçom virtual

Em alguns âmbitos do poder, a expansom transgênica nom convence demasiado. Acarom do apoio decidido do PSOE e do PP, o BNG manteve-se na ambiguidade calculada de todas as suas actuaçoms. Sem

molestar em nada o poder, do que fazia parte até há semanas, tencionava contentar os mais tímidos do movimento popular. De facto, e como nos revelam fontes da PGA, toda a informaçom estava nas maos de Andrés Núñez Rajoy, chefe do Serviço de Produçom Agrária Sustentável e Sanidade Vegetal do

governo bipartido, que declarou publicamente que a sua Conselheria (Meio Rural) era contrária às plantaçoms: “nem achegam melhoras à produçom, nem está comprovada a falta de riscos, nem melhoram a imagem da Galiza como marca de qualidade”, dijo à imprensa empresarial. Porém, e ainda com esta oposiçom de raiz aos ensaios, o nacionalismo autonomista nom quijo dar esta batalha a fundo para nom danar a coesom do bipartido.

Mobilizaçom

SLG e PGA coincidem na hora de valorizar a mobilizaçom social: “sobejam razoms para sair à rua, e reputados especialistas e mesmo políticos mostram cepticismo ante os OGM. Mas o bloqueio informativo é tam grande que freia a mobilizaçom social”. Precisamente para quebrar esse bloqueio estão a trabalhar diversas entidades galegas. A PGA leva adiante umha ambiciosa campanha de divulgaçom, com palestras em vários centros sociais galegos, distribuicoms de propaganda e preparaçom dumha mobilizaçom de rua para o dia 18 de Abril. Está previsto levar a reivindicaçom a Chantada com umha jornada de actividades divulgativas e informativas que se vai celebrar o 2 de abril.

Alguns dados do monstro

A experimentaçom com transgênicos já chegou à espiga de trigo, com o intuito de que produza mais grao para o pam. Foi protegida com oito pesticidas e várias hormonas que provocam cancro.

Perante a impopularidade dos transgênicos na Europa, a Monsanto contratou umha importante companhia publicista sediada na Inglaterra para fazer campanha em favor dos OGM. É a mesma companhia que publicitou o Mundial de Futebol da Argentina durante a ditadura militar.

Até aos inícios da década de 1980, estava proibido patentear organismos vivos. A lei foi mudada por um tribunal dos EUA, que declarou que “todo o que está sob a luz do sol pode ser patenteado”.

O pequeno agricultor compra sementes geneticamente modificadas pela Monsanto que só podem ser fumigadas com Roundup, propriedade da mesma casa, e que reporta 30% dos lucros da

empresa. A cada ano que passa perdem-se centos de variedades tradicionais.

O agente laranja foi um potente pesticida durante vários decênios. O exército dos EUA utilizou-o na invasom do Vietnam como arma química. O seu fabricante é a Monsanto.

Em países do Terceiro Mundo, os avions das grandes companhias pulverizam pesticidas do ar, possibilitando o crescimento das culturas de OGM e eliminando espécies locais de pequenos agricultores.

Alguns cientistas europeus advertem que estamos a ponto de entrar numha “epidemia de cancro” por efeito das toxinas que ingerimos na alimentaçom, e que umha em cada duas pessoas do mundo ocidental vai ver-se atingida por esta doença.

Tirado de Robin, M.M.: *El mundo según Monsanto. De la dioxina a los OGM. Una multinacional que les desea lo mejor*, Península, Barcelona, 2008.

CULTURA

CARLOS BLANCO, ACTOR E GUIONISTA

“Os que podíamos ter encenado a mudança nom aparecemos na Galega”

XIANA ÁRIAS / Num teatro, numha televisom, num ecrám de cinema, numha praça. Som muitos os cenários onde podemos ver as diferentes vidas de Carlos Blanco (Vila Garcia 1959). Começou num grupo arouçano, Ítaca, e foi um dos moços que chegou de longe, isto é, um dos que junto com María Pujalte ou Miguel de Lira

formou parte do elenco do realizador que vinha de fora, Mario Gas, numha das montagens mais lembradas dos primeiros anos do Centro Dramático Galego. A conversa sucede no Ultramarinos em Santiago e começa o percurso de estes trinta anos como artista com umha primeira parada em *Portozás*.

Qual crês que foi o motivo do éxito de *Mareas Vivas*?

Eu creio que há um antes e um depois de *Mareas Vivas* na ficção do nosso País. Todas as séries que se figérom mais tarde som um pouco devedoras. O éxito? Por primeira vez se falou à gente com gheada, com verdade. Diziam “falamos como nós” e aí estivo a chave. Porque se o pensas *Mareas Vivas* foi unha adaptación de *Doutor em Alaska*, um tipo que chega a um lugar de tolos, a um mundo com uns códigos próprios. Mas eu creio que houvo outros fitos. Penso no programa que figemos com Antón Reixa, *Sitio Distinto*. Eu guardo-os todos, som umha jóia.

Propôs utilizar as variantes dialectais da fala na programación habitual da Rádio Televisom de Galicia?

Parecerá umha parvada, mas eu o dia que veja umha apresentadora de um Telejornal a falar com gheada ou com rotacirno e a dizer pantalóis, entenderei que algo foi normalizado. Porque já ninguém se surpreende de que umha apresentadora nas televisons espanholas tenha sotaque canário. Entendo a função unificadora que tem a televisom, mas creio que *Mareas Vivas* triunfou por isso. E nom se voltou a fazer, curiosamente.

O número um do Partido Popular, Alberto Núñez Feijoo, assegurou que nom gostava da programación da Galega.

Penso que a televisom é um reflexo do País, nem mais nem menos. E o bipartito nom conseguiu mudar nem o País nem a televisom. Mantivo o básico e nom digo que estivesse bem ou mal. Um programa como *Luar* tés que té-lo e um apresentador como Xosé Manuel Piñeiro é um profissional consolidado, mas a gente nom percebeu a mudança. Continuou a ver os mesmos rostos e alguns aparecemos aí, mas mui brevemente. Provavelmente os



que podíamos ter encenado a mudança nom aparecemos na Galega. E nom terá sido por nom apresentarmos projectos porque eu apresentei uns quantos. Nom critico o que fijo o director, funcionou-lhe. A audiência aumentou e, portanto, também aumentárom os ingressos publicitários que solucionavam um problema de déficit. A programación da televisom é como a orquestra no baile, todo o mundo se permite opinar e a mui poucos convence.

Televisom e também teatro, monólogos, cinema...

Sim, o teatro nunca o deixei. Agora vou ir a Portugal para fazer com Manecas Costa o espectáculo que era antes *Humor Negro* e agora é *Africanizate* porque é umha versom um pouco reduzida. Mas temos fuçons em

“Quem triunfou nestas eleições foi o nacionalismo espanhol, dito assim rápido. O que ainda nom consigo entender é porque se és da selecção galega e falas galego és nacionalista radical e se és da selecção espanhola e levas bandeira de Espanha és espanhol e ponto”

Portugal e no País nom. E digo que o teatro nunca o deixei porque é o que me dá de comer, os monólogos e o teatro. O audiovisual vai e vem.

Nestes últimos anos fôrom-se intensificando as relações culturais da Administração com os lugares de fala portuguesa. Dar passos atrás prejudicaria o vosso trabalho?

Eu muito me temo que vamos dar alguns passos atrás e eu concebim *Humor Negro* para esse mercado, para ser representado em Portugal, no Brasil e na África. Mas o que acontece é que quem nom vê a necessidade do galego é difícil que veja a viabilidade de este caminho. Se o analisares bem, quem triunfou nestas eleições foi o nacionalismo espanhol, dito assim rápido. O que ainda nom consigo entender é porque se és da selecção galega

e falas galego és nacionalista radical e se és da selecção espanhola e levas bandeira de Espanha és espanhol e ponto. O que sim creio é que a esquerda se equivocou radicalmente ao se ter enfrentado a Galicia Bilingüe. Era necessário ter dado a volta ao seu discurso e dizer, sim, claro, luitemos por umha Galicia bilingüe em que a metade de jornais, de televisons, de rádios e de publicidade sejam em galego. Dizer-lhes que falta muito para isso assim que “por favor senhoras e senhores ajudem-nos!”.

O governo da Catalunha quer aprovar umha lei do cinema de 50% em catalán e espanhol para dobragem e legendas. Pensas que isso seria possível aqui?

Nom creio, porque encarece muitíssimo o assunto e isto é um negócio. Mas claro, na televisom na Catalunha há um programa de espanhol para que nom se perda, percebes? Que mesmo pode parecer umha ironia, mas falamos de realidades mui diferentes. Já gostaria eu de ver todos os filmes legendados em galego, e já nom digo dobrados, que, a mim, a dobragem nom me interessa, e por aí podásse ter avançado muito.

Que projectos tés agora?

Agora estou como todos, aguentando a crise.

Nota-se muito?

Nota-se bem. Eu tinha que estar a rodar na Catalunha e atrasou-se todo por falta de financiamento. Era um filme de umha realizadora conhecida e nom saiu. Ademais devem-se-me muitos trabalhos que nom sei se cobrarei. O nosso ofício é dos primeiros em sentir a crise porque umha câmara municipal, quando tem que poupar, do primeiro que prescinde é da cultura. E o mesmo digo do governo. Agora também digo que a ver que fam com a cidade da cultura, que a pugérom eles aí.

MÚSICA

Normalizando a música galega

NOEL FEÁNS / A batalha normalizadora da música popular galega contemporânea vai devagar, como sempre, mas com reparar um mínimo na nossa cada vez mais rica cena veremos como começam a abrolhar tímidos resultados e pequenas conquistas. Nos últimos meses estamos a assistir a um fenómeno inédito no País, com bandas e artistas nom galegófons e urbanitas como Roger de Flor, Aid, Woyza, Franc3s ou Quant a incorporarem temas em galego nos seus novos discos. Esta nova dinâmica pode parecer irrelevante pola percentagem tam pequena que representa a língua própria nos seus repertórios, mas o certo é que a efeitos práticos tem umha importância que transcende o meramente simbólico. Que Woyza ou Quant facturem jóias como *Tempos de muller* ou *Ninguén parece* escoitar demonstra -mais umha vez- que é possível fazer temas indiscutíveis e em galego, nos seus respectivos estilos, semeando com vistas ao futuro da mesma maneira que puidérom ter feito no seu dia os escassíssimos temas em língua própria de Radio Océano ou Kortatu. E isto, evidentemente, há que celebrá-lo.

Todas as pessoas que se estejam a escandalizar pola aparente tibieza de esta proposta devem ter presente que o objectivo da normalização do galego na nossa música nom tradicional nom é o mesmo que noutros ámbitos,

aqui nom se pode procurar o monolingüismo porque seria umha situação tam anormal e marciana como a diglossia. Se damos umha olhada ao nosso redor vemos que nom há nengum país no mundo que facture absolutamente toda a sua música nom tradicional na sua própria língua. E, de este ponto de vista, parece que vamos polo caminho correcto, por um lado já podemos gozar de umha cheia de bandas de todos os estilos que cantam só em galego -indispensável para a normalização na fala- e por outro vemos como o próprio galego se vai convertendo numha alternativa real junto com o inglês e o castelhano. Há vinte ou trinta anos, o galego, salvo heroicas excepções, nem sequer era contemplado como umha possibilidade quando um grupo começava a compor os seus primeiros temas no local de ensaio. Hoje em dia isto tem-se tornado em algo factível e, o que é mais importante, sem ter que estar necessariamente ligado a um compromisso ideológico, algo fulcral para umha normalização real do seu uso. Agora só resta que acabe por desprazar o castelhano como alternativa preferente ao inglês e, entom, já estaremos mui perto de conseguirmos o objectivo, com umha música própria com uns usos lingüísticos semelhantes aos que podem ter estados tam indiscutivelmente normalizados como o português ou o alemão.

LÍNGUA NACIONAL

Mira por ti

VALENTIM R. FAGIM / Como se sabe, o PP ganhou as eleições. Ao que parece, uma péssima notícia para a língua. No entanto, a fronteira entre o péssimo e o ótimo não sempre é assim tão diáfana. Atrás das ameaças, às vezes, ocultam-se oportunidades.

Que pode ter de bom o triunfo do PP? Para já, tomar consciência de que não somos tantos e que a nossa massa crítica não é muito grossa. Para já, que colocar metas para as quais não existem meios, é um convite louco para a frustração.

Talvez poda ser um bom momento, até, para deixar de malbaratar energias atacando, com sanha, os que temos ao lado e reinvestirmos esses Joules, a unidade de energia e trabalho, em construir.

Uma das frases que mais tem

marcado a minha geração (os que nascemos em 70) é a que dá título a este artigo, *Mira por ti*. Esta mensagem, que foi transmitida aos nossos pais polos nossos avós, é como os dedos do pé. Foi vital num dado momento mas hoje nem tanto. Contudo, planeia sobre cada um de nós como uma sombra.

Seria porreiro que agora todas essas pessoas, e não são poucas, que se exasperam na mesa do bar lendo o jornal, porque as cousas não vão como elas desejam, matem o pai, e a mãe, e invistam capital humano e financeiro nos projetos que acharem melhor: o partido político, a assinatura do periódico, a associação, o local social..., para assim deixar de *esperar* e passar a *fazer*.

Porque, é certo, não somos tantos mas não somos tão poucos.

A GALIZA NATURAL

Antela in memoriam

JOÃO AVELEDO / Faz agora cinquenta anos, o governo do general Franco conseguia dessecar a Lagoa de Antela, uma complexa obra de engenharia na qual muitos fracassaram ao longo da história, deles o primeiro foi Adriano, o imperador, lá no século II.

Situada numa depressão originada polo afundamento de blocos tectónicos durante o Terciário, na bacia superior do rio Lima, Antela constituía um imenso lago com cerca de sete quilómetros de comprimento e seis de largura. As motivações que levaram à sua drenagem foram o aproveitamento agrícola e o saneamento do terreno, num tempo em que pântanos e, em geral, zonas húmidas se associavam com mosquitos e paludismo.

Mas, longe desta visão de águas infectas, a lagoa era um paraíso da biodiversidade. Um paraíso "onde os patos nublavam o sol" no dizer dos mais velhos. Após a dessecação, muitas foram as espécies animais que desapareceram de Antela: os abetouros (*Botaurus stellaris*), as frisadas (*Anas strepera*), os grous

(*Grus grus*), os gatos-bravos (*Felis sylvestris*), as martas (*Martes martes*)... e muitas, muitas mais ainda, as que diminuíram drasticamente o seu número. Botanicamente luxuriosa, podiam-se diferenciar várias comunidades vegetais na lagoa e a sua área de influência: as plantas aquáticas, as veigas, as matas ribeirinhas, as carvalheiras, os pastos, as leiras.... Hoje tanta biodiversidade ficou reduzida a uma monótona planície dedicada, principalmente, à cultura da batata.

Para completar a catástrofe ambiental, em 93, chegou a concentração parcelar à comarca. Sob a maquinaria pesada sucumbiu uma superfície de 30.000 hectares, que foi perfeitamente "uniformizada e homogeneizada" a esquadro e tira-linhas... carvalheiras centenárias incluídas.

Para além dos seus extraordinários valores ecológicos, Antela era também uma cultura surgida em torno às águas: modos de vida, tradições e costumes, cantos, lendas e um vastíssimo património histórico. Já desde tempos primitivos o

ser humano se sentira atraído pola riqueza natural que representava a lagoa, como o provam os vestígios de povoados palafíticos. Da abundância de restos arqueológicos fala o próprio nome de Antela, diminutivo de anta, monumento megalítico. Mesmo, um menir, a Pedra Alta, o menir mais alto da Europa, dominava a lagoa.

A beleza do Lima fez com que os romanos o identificassem com o mitológico Lethes, o rio do esquecimento, águas que apagavam a memória de quem as transpusesse, aquelas que, arriscadamente, Decius Junus Brutus atravessou comandando as legiões romanas que civilizaram a Gallaecia. Agora, na "civilizada" Antela apenas umas poucas poças, resultado de explorações areceiras abandonadas, lembram o esplendor das "águas mansas" que foram, das esquecidas águas do Lethes.

Pola ponte da Lagoa trinta e cinco sastrés vão as mãos carregadas de foice para matar uma rã

CINEMA PARA PENSAR

"Caminho, ou como ver as entranhas do Opus Dei"

F. TRAFICANTE / Ainda que Javier Fesser insiste em que o que conta é apenas umha história de amor, na realidade há umha crítica demolidora de umha das seitas mais poderosas: o Opus Dei. E como as obras transcendem os seus autores, onde o realizador vê fervor eu vejo umha mostra de até onde pode chegar o fanatismo. Fervor é para mim umha palavra demasiado branda quando se está a falar de atitudes manipuladoras para conseguir uns fins. Mas, além disso, podemos ver o sadismo (obrigando a nena a que nom se queixe da sua dor) e o massuquismo (como a cena das pedrinhas no sapato) como desvios enfermizos em nome de uns valores profun-

damente cruentos, a justificação do sofrimento para "oferecer-lho" a deus. Na vida de estas pessoas tudo parece centrado em acabar com a alegria e a vitalidade. Mais que um caminho à alegria é o caminho a um inferno de repressom e tristura nesta vida em aras de conseguir um hipotético além cheio de felicidade. No entanto, o que realmente importa é o dinheiro, como quando vam à casa da tia da protagonista recolher a quota que achega. As únicas figuras que se salvam da queima som o pai, que tenta contrarrestar essa escuridade que rodeia a filha mediante segredos e pequenas alegrias que a mae, dentro do seu delírio religioso, trata de eliminar. A

cena final da nena a morrer no hospital acompanhada por umha multidom de pessoas acaba por nos dar a chave de todo o que nom entendíamos na cena inicial. Com umha tremenda ironia descobre-nos a verdade e denuncia a manipulação absurda e torpe dos sentimentos e interesses próprios de umha nena adolescente como é Camino para tentar vender-nos umha suposta fé extrema e um milagre que na realidade nom existem. É um fecho circular e redondo para um filme onde tanto os diálogos, como os actores e as imagens transmitem autenticidade em cada cena. Longe do panflet, é essa mesura e realismo o que dá tanta força ao filme.

bar  **Paluya**
Orzán 75,
A Coruña

O IMPERIALISMO JÁ NOM É INVENCÍVEL
Leia e subscreva-se a:

Um projecto comunicacional com 15 anos de existência que serve para enfrentar o discurso dos poderosos
Correio: resumenlat@yahoo.com.ar
Telefono: 630262156

DESSPORTOS



All Stars Ourense '09, mates e varados para fazer frente ao novo regime!!

XERMÁN VILUBA/Olhares de incredulidade nos centos de transeuntes que durante a manhã do domingo 8 de Março passavam e ficavam a olhar a que havia montada na esplanada frente ao Couto. A LNB apostou firmemente num modelo de visibilidade social polo qual o barulho, a convulsom e explosividade de um evento destas características é un risco totalmente assumível para lograr o que entre todos e todas, essa manhã de Março, conseguimos: que pola primeira vez na história, as bilhardas da LNB invadissem as ruas da cidade de Ourense com a celebração do Bilharda All Stars '09.

Os siareiros e siareiras galegas convidáron a LNB e a LNB aceitou o repto, três autocaros partíron de cada umha das conferências e chegaron à esplanada do Couto dispostos a berrarem 'presentes!'.

Arancou a festa com o concurso de triplas, umha modalidade que ademais de força e precisom, exige un poderoso fundo físico, umha conta atrás contra o tempo e o espaço: 1 minuto, 12 bilhardas e un Varal, os três elementos deste espectacular concurso que situou como finalistas o especialista do Combinado do Oeste Chupí e três mestres do Combinado Leste: Victor, o motivadíssimo Toño para lutar polos rabos e un rejuvenescido Calvete. Entre os quatro, atingíron 7 dianas.

Na final, as estrelas do Leste pagáron a falta de experiéncia nesta exigente competiçom em que Chupí, mais curtido na matéria, materializou 5 dianas, só umha mais que os seus rivais do Leste.

E começou o Aberto All Stars no meio das provas de som de Skárnio e



Olhares de incredulidade nos centos de transeuntes que durante a manhã do domingo 8 de Março passavam e ficavam a olhar a que havia montada na esplanada frente ao Couto

o pré-aquecemento dos Siareiros no balcom e ao pé da pista com litronas, calimotxos e fogos-de-bengala. Fervia o ambiente no meio das bilhardas a arder e os cánticos a pedir a oficialidade das nossas seleçõs, desembocando numha final entre dous palanadores do Combinado Leste. Atençom à grande estrela local Bulli, referente absoluto da emergente seccom ourensana da LNB, que se topou na final do Aberto das Estrelas com a máquina dos Corneria Team, Ginés de Celeiro de Marinhaos... poderia a nova bilharda de Bulli vencer o jeito tradicional de Ginés de entender o noso desporto, neutrógeno líquido ou caldo galego?

Centos de olhos chantados na pista para saborear o jogo servido nos dous pratos finalistas. Nesta ocasiom, dous golpes mestres fõron necessá-

rios para que Ginés vencesse a nova e impredecível bilharda do Bulli, à qual faltou o tempero necessário para botar a mao à Cachuca do All Stars que ficou em poder do poderoso palanador de Celeiro de Marinhaos.

Começava Skárnio a sessom vermute quando se inciava a última e mais aguardada modalidade do All Stars, chegavam os mates no meio do fumo vermelho dos fogos-de-bengala que caíron à pista, espectacularidade ao máximo nas coreografias grupais do Furabolos, nos desenhos de Juan Pico e o Zidane, Rubén e Chupí, Paloma e Markitos, a performance criada por Toño Randeira, e incluso a tentativa de mate às cegas de un palanador ouresano que fechou o concurso atando un pano aos olhos que poderíamos intitular como "matar-se matando".

Mas foi o Chupí de novo quem,

utilizando três bilhardas, se faria com as unhas que o acreditam como vencedor de un concurso de mates que polo menos nom deixou indiferente ninguém.

Cozido de Irmandade, único reconstituinte possível para os desportistas da LNB que chegavam quase extenuados a sentar-se diante do prato para estabelecer un empate técnico entre o Leste e o Oeste e pôr assim ponto e seguido no grande repto da dignificaçom e expansom por todo o País do nosso desporto da bilharda... **Aberto Cidade de LUGO, Jarro do Salnés em Meanho e o Copo do Rei Xíbaro** entre as equipas da Conféncia Sul som os grandes encontros neste trecho final da temporada antes de enfrentar o Play Off Nacional.

Consulta: www.ovaral.blogspot.com

A LNB APOSTOU FIRMEMENTE NUM MODELO DE VISIBILIDADE SOCIAL POLO QUAL O BARULHO, A CONVULSOM E EXPLOSIVIDADE DE UM EVENTO DESTAS CARACTERÍSTICAS É UM RISCO ASSUMÍVEL PARA LOGRAR O QUE ENTRE TODOS E TODAS, ESSA MANHÃ DE MARÇO, CONSEGUIMOS: QUE POLA PRIMEIRA VEZ NA HISTÓRIA, AS BILHARDAS DA LNB INVADISSEM AS RUAS DA CIDADE DE OURENSE COM A CELEBRAÇOM DO BILHARDA ALL STARS '09

www.novasgz.com | assinantes@novasgz.com | Telefone: 692 060 607

NOVAS DA GALIZA



Preenche este impresso com os teus dados pessoais e envia-o a NOVAS DA GALIZA, Apartado 39 (CP 15.701) de Compostela

- Subscriçom + livro = 35 € Subscriçom anual = 24 € Assinante Colaborador/a = ___ €
 Subscriçom + pack bilharda = 30 € Subscriçom + duplo pack bilharda = 35 €

Nome e Apellidos Telefone

Endereço C.P.

Localidade E-mail

Nº Conta

Junto cheque polo importe à ordem de Minho Média S.L.

Assinatura

Após os êxitos de atletas profissionais, nasce o Campeonato Galego de Triatlo Popular

ANJO RUA NOVA / Di-nos a lenda que o nascimento do triatlo moderno como desporto véu da maó de umha aposta em Hawai, para dilucidar qual das três competiçõs de referència da ilha era a mais exigente: a travesia de 3'8 km a nataçom, a corrida ciclista de 180 km ou a maratona (42'192 km). Desta aposta surgiu a ideia de unir as três disciplinas, e assim via a luz o triatlo em 1978.

Na Galiza, as primeiras competiçõs de triatlo realizáron-se a finais da década dos 80, sempre sob umha organizaçom amadora e volutária, que reunia um reducido número de desportistas, e em ocasiõs nom chegando nem sequer às duas dúzias.

Dim aquelas e aqueles que provam o triatlo que já nom se pode abandonar, e se cabe, isto motivou que a ilusom das e dos triatletas lograsse que este sacrificado desporto se implantasse na Galiza e já nom desaparecesse. Mas o reconhecemento do triatlo na Galiza tivo que aguardar até a apariçom do triatleta Iván Raña, um ordense que, com 21 anos, foi aos Jogos Olímpicos de Sydney 2000, onde obtivo um extraordinário 5º posto, precisamente na Austrália, a "meca" do triatlo. A impressionante trajectória de Iván (campeom mundial, duplo subcampeom mundial, duplo campeom europeu, duplo diploma olímpico...) fijo com que este desporto estivesse, pola primeira vez, presente nos meios de comunicaçom do País e na boca de muitas e muitos galegos. Mas, para que o triatlo deixasse de ser um desporto tam minoritário e minorizado, tivo que



passar ainda algum tempo mais. Recentemente, contribuírom os sucessos de Xavier Gómez Noia (campeom mundial, campeom europeu, duplo campeom da taça do mundo), pondo de manifesto que a Galiza é potencia mundial do triatlo.

A apariçom destes laureados triatletas escondia que a crua realidade era a de umha ausência quase total de planificaçom das actividades de promoçom, formaçom e organizaçom deste desporto, sobretudo no capítulo referente à difusom do triatlo entre a gente nova e a criaçom de escolas de triatlo.

Hoje em dia o panorama mudou substancialmente debido principalmente aos seguintes factores:

1) A própria Federaçom Galega de Triatlo (Fegatri) aposta decididamente na 'canteira', e mesmo

A CONFECÇOM DO CIRCUITO DE TRIATLO POPULAR, É UMHA NOTÍCIA EXCELENTE PARA QUE O DESPORTO PODA SER PRATICADO POR QUALQUER PESSOA QUE O DESEJAR, E NOM SÓ SEJA UM ESPAÇO ELISTITA E PROFISSIONAL

tem conseguido a criaçom da seçom de triatlo no Centro Galego de Tecnificaçom Desportiva de Ponte Vedra, que actualmente é um dos epicentros, junto com as escolas dos clubes, da formaçom das promessas e novos valores do triatlo galego. Porém, a própria Fegatri deu mais um passo pondo em andamento em 2005 a Seleçom Galega de Triatlo, permitindo assim os novos e novas triatletas poderem ir ganhando experiència em competiçõs internacionais. A Seleçom competiu em diversas taças europeias, como Estoril (Portugal), Alexandropolis (Grécia) ou Egadir (Turquia), e neste ano de 2009 as nossas e nossos triatletas representarám a Galiza na taça de Quarteiro -Portugal (5 de Abril) ou na taça de Europa de Ponte Vedra (17 de Maio).

2) O efeito "espelho" ou o exemplo a seguir das nossas e nossos triatletas internacionais, que contribuiu a difundir este desporto e que cada vez haja mais criançás e desportistas amadores dispostos a iniciar-se no triatlo.

3) Mas um factor fundamental que também explica o aumento do número de triatletas na Galiza foi desde sempre a organizaçom de triatlos populares, que ano após ano, se realizam por toda a geografia galega, como em Oleiros, Alhariz, Cambados... alguns com muita tradiçom, que já superam a vigésima ediçom, mas todos apresentam um muito bom acolhimento popular. Para este ano de 2009, avançou-se mais um passo, e a Fegatri criou um calendário galego de triatlo e duatlo popular, que se engade ao já existente calendário galego de triatlo e duatlo elite.

Desde este 2009, todas e todos aqueles que gostem de nataçom, bicicleta e corrida a pé poderám ter a oportunidade de ir a umhas competiçõs populares onde nom existem tempos de corte, como os duatlos de Guitiriz, Lugo, Compostela, Monforte e Ourense, e os triatlos da Corunha, Nigrám, Carvalhinho, Oleiros e Lugo.

A confeçom do circuito galego de triatlo popular, umha velha procura hoje tornada realidade, é umha notícia excelente para que o desporto poda ser praticado por qualquer pessoa que o desejar, e nom só seja um espaço elistita e profissional.

Anjo Rua Nova é triatleta do Bricosa, de Santiago de Compostela

gallizalivre.org
INFORMACIOM LIVRE E SEM
MERCADIZA

Rua Telhaisra, 9
(Zona Universidade)

LOCAL SOCIAL * OURENSE - GALIZA

A Peneira
Xornal Galego de Informaçom Xeral

Cabeceiras Comarcais | A Peneira do Condado/Paradanta | A Peneira de Lourinha

neves
asesoría

Francisco Xosé Neves Alvarez
Graduado Social
R/ Morales Hidalgo, 16
36860 Ponte Areas
Teléfono: 986 644 059

Murguía, Revista Galega de Historia é un proxecto autoxerido, no que grazas a centos de subscritores e lectoras vai descubrindo a Historia da nosa nazon, divulgándoa e pondo en valor.

No último número apresetase umha boa parte dos mitos e lendas que conforman o noso imaxinario colectivo, así como a nosa pegada na tradiçom e lendas doutros países, caso de Irlanda, obvio a través do Leabar Gabhala que reproduce o último número de Murguía, RGH...

Subscríbete!

www.revistamurguia.com

Nome Apellidos

Enderezo

Localidade CP Teléfono

Solicito: Subscriçom Mais Informaçom

Enviar a Murguía, Revista Galega de Historia: Apartado de Correos 755 15 703 Compostela
ou secretaria@revistamurguia.com Teléfono 629.31.12.68





| LUZIA VASQUES E ÁNGELO MERAIO | MEMBROS DA DIREÇÃO NACIONAL DE ATURUXO |

“Com o PP, temos umha regressom a nível de política e a nível social”

MARIA ÁLVARES / Ángel Meraio e Luzia Vasques fan parte da direción nacional de Aturuxo, a federación de asociacións de colectivoslésbicos, gays, bissexuais e transexuais da Galiza. Falamos con eles sobre a mudançade goberno e de como enfrenta a asociación o presente e o futuro, que adivinham difícil, em que terán que reagir con mais conscienciación e mais luta.

Depois de cinco anos do nacemento da Federación Aturuxo, qual é a valorización que fazedes do vosso traballo?

Nasceu com o intuito de coordinar un movemento LGBT galego localista e muitas vezes intermitente. Para termos umha voz perante as institucións e fazer fluir a información entre os diferentes colectivos que existiam e existem nas cidades. O obxectivo de nos coordinarmos tem-se cumprido, para além da preservación das organizacións históricas Colectivo Gay de Compostela e BOGA, tenhem passado pola federación diversos colectivos e integrado outros como Raras Somos Todas de Vigo, ALAS de Lugo, o colectivo TransGaliza, ou os recentemente criados AGLET em Ourense e Nós Mesmas em Vigo. Temos cumprido minimamente os obxectivos: na rua reivindicando os nosos dereitos e nos centros de ensino com as formaçõessobre liberdade afectivo-sexual. Conseguimos a implicación

das institucións com as organizacións das festas do Orgulho em Compostela, os ciclos de cinema, concursos de fotografía ou a actividade desenvolvida com os Centros Quérote. No entanto a militancia LGBT nom é fácil, já que significa ser 100% visível, com todas as implicacións sociais, laborais, familiares, etc. Na Galiza nom é un caminho de rosas para ninguém.

Inicia-se agora umha nova etapa com a direita na Junta. Temedes que seja umha etapa de retrocesso?

Na era Fraga os colectivos tivéron as portas do Governo galego completamente fechadas. É claro que tememos umha regressom importante nom só a nível de políticas mas a nível social.

E valorizando a actuaçom do bipartido, como foi a relaçom?
Houvo diálogo com a Direçom Geral de Juventude e Solidariedade, e isto já foi un avanço por si próprio.

Concretizou-se no desenvolvemento de colaboraçom para as actividades dos colectivos e no programa Entendo dos Centros Quérote. De todos os modos, sem umha abordagem integral no sistema educativo com programas para fomentar a visibilidade das pessoas LGBT e erradicar a lesbogaytransfobia, torna-se difícil avançar.

Depois da actuaçom de un júri popular em relaçom ao assassinato de Isaac Peres e Júlio Anderson, há umha sociedade madura para assumir estes casos?

Consideramos estes factos gravíssimos e tememos que sejam indicador de umha sociedade ainda muito atrasada e intolerante. As motivaçom desse veredicto nom som outras que a mais crua homofobia, o ódio ao diferente e o desprezo da vida quando se trata de "maricas".

Como se articulou a resposta contra esta sentença?

As mobilizaçom partírom da espontaneidade de familiares e amizades das vítimas e no caso de Compostela do CGC. A resposta devia ter sido muito maior, un pronunciamento dos partidos e da sociedade. Casos como este deveriam servir de reflexom sobre esta ainda

doente sociedade galega, doente de medo e ódio ao diferente.

Avançade-me algo da celebraçom do Dia do Orgulho...

Começamos a trabalhar na mobilizaçom, que pretendemos que trate a discriminaçom laboral, sem esquecermos a denúncia da lesbogaytransfobia e as nossas reivindicaçom mais básicas. Podemos adiantar que vemos bastante difícil que se volte a repetir a grande festa que vínhamos organizando nos últimos anos. Isto principalmente pola mudançana Junta e o presumível fim dos subsídios para a Federación.

Quais som os reptos e obxectivos para os próximos anos?

Continuaremos o traballo de denúncia da lesbogaytransfobia na rua, as conferências e formaçom em centros de ensino, etc. Como reivindicaçom básicas consideramos a cobertura sanitária íntegra para as pessoas trans no SERGAS, incluindo a opçom da cirurgia de reassignaçom. Também nos parece fundamental é o ensino. Devem-se erradicar as bases patriarcais que provocam o machismo e a homofobia. Contodo, auguramos uns anos de bastantemobilizaçom na rua.

Da impugnação da história

ERNESTO VÁZQUEZ SOUZA

Afirmava Lucrécio, seguindo Epicuro, e em contradicção com os princípios metodológicos de ambos a respeito das aparências fenomenais, que “nem o disco do Sol podia ser maior nem o seu lume menor de como eram percebidos pelos nossos sentidos”.

Para a maior parte dos leitores destas linhas acho que é um facto provado que a leitura e trabalhos, a elaboração de um modelo de língua galega produzidos pela escola universitária de filologia de Compostela validados pela RAG é não apenas uma errônea desfeita política quanto un propositado falseamento da tradição e da pertença à lusofonia.

No entanto subsiste uma cega acréditación nos modelos históricos e na analítica política da história da Galiza (antiga, moderna e contemporânea) e do movemento nacional galego transmitidos em paralelo pelos mesmos grupos que desenharam o modelo de língua e os seus matizes raivosamente autonomistas e enganosamente populistas.

Dito doutro jeito, se questionamos a língua, por que não questionamos a história medonha, acanhada e tristeira, de perpétuos séculos obscuros, levantamentos, resurdimentos fanados e um omnipresente colonialismo castelão que quanto mais sabemos entendemos que apenas atingiu a Galiza após 1833, com a estruturaçom de um modelo estadual alheio?

Por que tomarmos a sério as linhas, teses e limites de uma história e historiografía desenhada em paralelo com o modelo ILG? Uma historiografía que troçou dos grandes dos Séculos XIX e XX (nomeadamente Vico, Murquía, Otero Pedrayo, Gonzalez López, Alberto Vilanova) na procura de uma cientificidade objetiva que apenas serviu para ajudar a historiografía nacionalista espanhola a apagar o celtismo, o atlantismo, a predominância medieval da Galiza, o esplendor económico, militar e nobiliárquico dos galegos durante todo o Antigo Regime, o predomínio dos galegos e da Galiza no reino de Castela e em boa parte da História do de Portugal, a pujança económica, intelectual e humana da Galiza na Espanha antes da Idade Moderna?

Por que esquecemos que é com a Francesada, há justo 200 anos, que a Galiza por ela mesma não apenas derrota a França imperial, como ainda se apresenta, sem teorias nem discursos, à modernidade: livre, desde os seus próprios jeitos, organizaçom, tesouro, milícia e territorialidade?

Porque aceitamos o que nos fecha em discursos da Direita galeguista e o Culturalismo atafegante em quatro províncias quando fora da oficialidade institucional se está a cozer há tempos uma impugnação paralela à da língua?

Por que não desde o soberanismo uma história de liberdades, mais crítica e coerente, centrada no território, na população e nos documentos? Uma história sem tanta exigência de cronologias e discursos teóricos ajeitados a modelos franceses ou castelões. Uma historiografía sem contradicções estranhas nem complexas explicaçom adequadas a un presente configurado a escala deste pensamento subalterno?

Talvez o Sol seja maior do que a nossa escola nos ensinou a ver e a nossa história mais simples, tamanha e assustadora.